

## Textos da Exposição de Longa Duração

### Módulo 1: A diáspora humana

#### Algumas ideias sobre migrações e expansões Eduardo Góes Neves

Se a história da espécie humana, desde suas origens remotas, pudesse ser contada resumidamente, ela poderia ser escrita por meio de uma série de narrativas de migração e expansões demográficas que se sucederam ao longo dos milênios. Apesar de ocupar atualmente todo o planeta, nossa espécie *Homo sapiens* tem uma origem bem definida, na África, continente que foi duas vezes berço da humanidade: primeiro, foi o berço dos hominídeos mais antigos, que viveram há milhões de anos na própria África e partes da Ásia e Europa. Segundo, a África foi o berço de nossa própria espécie, *Homo sapiens*, que ali surgiu e dali se expandiu para outras partes do velho mundo a partir de 100.000 anos atrás. Essa segunda expansão levou, ao longo dos milênios, à colonização de todo o planeta terra.

Outro notável processo de migração, esse de caráter militar e político, mas com profundas consequências demográficas, foi a expansão europeia a partir do século XVI DC. Essa expansão levou à ocupação das Américas, partes da Ásia, África e Oceania pelos europeus e seus descendentes, mas também levou à transposição, muitas vezes compulsória, de africanos e asiáticos para as Américas, de europeus para a Oceania e de asiáticos para a África.

No Brasil, a arqueologia mostra que diversos processos migratórios ocorreram no que é hoje conhecido como *território nacional*. Esses movimentos migratórios são inferidos a partir de duas fontes: o estudo dos objetos produzidos e abandonados nos sítios arqueológicos, dentre os quais se destaca a cerâmica; e o estudo do padrão moderno de distribuição de línguas indígenas, que pode indicar relações entre elas no passado.

É provável que o caso mais conhecido de migrações antigas seja o dos povos falantes de línguas da família tupi-guarani que, embora tenham se originado na Amazônia, se espalharam por toda a região que ia do litoral do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, atravessando

praticamente todo o território brasileiro, do noroeste ao sudeste. Outro exemplo conhecido de migração pré-colonial no Brasil e adjacências é a dos grupos falantes de línguas Arawak. Quando Colombo chegou ao Caribe em 1492, encontrou ali os índios Taino, vivendo nos territórios que hoje correspondem à República Dominicana, ao Haiti, Cuba e à Jamaica. A arqueologia e a linguística mostram que esses povos também tinham uma origem remota na Amazônia e a partir da Venezuela colonizaram as ilhas do Caribe.

Migrações e expansões demográficas, portanto, são tão antigas quanto a própria humanidade. Desde a origem dos tempos, nossos ancestrais têm atravessado continentes ou oceanos, a pé ou de barco, em viagens realizadas por razões políticas, econômicas, religiosas ou talvez pela simples curiosidade de conhecer outros lugares. Foram essas migrações que levaram a que nossa espécie seja a de maior distribuição geográfica pelo planeta, desde sua origem africana até, quem sabe, a colonização de outros planetas em um futuro não tão distante assim.

## **Módulo 2: A história da Grande Imigração no Brasil**

Neste módulo pretende-se enfatizar o território brasileiro no contexto histórico dos deslocamentos populacionais, desde a chegada dos portugueses no Brasil em 1500, até o sistema de hospedarias de emigrantes e imigrantes na Europa e no Brasil.

### **2A: Movimentações internas**

#### **Os deslocamentos indígenas (texto precisa ser revisto à luz da finalização do vídeo)**

Os deslocamentos indígenas, os contatos entre grupos étnicos e sua constante movimentação pelo território brasileiro eram comuns no período anterior à colonização portuguesa. Essa movimentação intensificou-se com a chegada dos europeus, na tentativa de escapar da escravização, das epidemias e da fome, impulsionando sucessivas migrações em diversas áreas de conflito entre indígenas e brancos.

#### **O Tráfico Negroiro**

Mais de nove milhões de africanos – homens, mulheres e crianças – desembarcaram no continente americano, entre os séculos XVI e XIX, na condição de escravos. Estima-se que só a América portuguesa importou aproximadamente quatro milhões de africanos, o que abasteceu as colônias com escravos e gerou muitos lucros para os traficantes da Metrópole e para a própria Coroa portuguesa. Os portos que mais receberam escravos africanos foram os de Recife e Salvador, nos séculos XVI e XVII, e Rio de Janeiro, no século XVIII, em decorrência da demanda de mão de obra nos engenhos de açúcar, nas minas de ouro e nas fazendas de café, respectivamente. Chegaram negros bantos (angolas e cabindas), sudaneses (iorubas, jejes, hauçás e minas) e os malês (muçulmanos que falavam o árabe).

Uma vez capturados em suas aldeias, os escravos eram trocados por mercadorias de pouco valor para os europeus e levados para as feitorias. Os principais produtos do escambo eram as aguardentes (“jeribita”) e os têxteis, seguidos de perto pelos apetrechos bélicos – pólvora, armas de fogo, espadas, facas, arcos e flechas –, produtos tropicais (açúcar, fumo e farinha de mandioca), além de barras de ferro, louças, ferragens, miçangas, vidros, algodão e conchas. Antes de

embarcarem nos navios negreiros, os cativos eram batizados com uma pitada de sal em suas línguas e recebiam um nome cristão.

Para os cativos, a viagem para a América portuguesa era o início de uma infernal epopeia, à qual poucos sobreviviam. Os navios ou tumbeiros (túmulos marítimos) transportavam de cem a quatrocentos escravos, acorrentados, dois a dois, nos porões, numa viagem que se estendia de trinta a sessenta dias. Até os primeiros anos do século XVIII, cerca de 20% dos cativos morriam na travessia, cometendo suicídios, sucumbidos pelo banzo ou atacados por doenças, como disenteria, escorbuto, sarampo, varíola e sarna. Calcula-se que mais de um milhão e meio de africanos tenham morrido durante o percurso do Atlântico.

### **Imigração para o Brasil durante o século XIX - A fixação de estrangeiros no Brasil**

Durante todo o período colonial, a entrada de estrangeiros na colônia sempre foi motivo de preocupação por parte das autoridades portuguesas. O processo de ocupação das terras que formariam a futura colônia foi, desde o início, pautado por disputas entre os portugueses e outras nações europeias.

Assim, no período pré-independência, a fixação de estrangeiros no Brasil cumpria dois objetivos básicos: criação de núcleos coloniais visando à ocupação de terras e consolidação do território e/ou dinamização da economia com o desenvolvimento de novas culturas agrícolas. Posteriormente, a substituição da mão de obra escrava juntou-se a estes dois objetivos durante o século XIX.

**Modulo 2B:****As Hospedarias e o contexto das migrações**

Entre o século XIX e a I Guerra Mundial (1914-1918), os deslocamentos populacionais ganharam uma magnitude até então desconhecida. De 1820 até 1914, migraram para o continente americano aproximadamente 50 milhões de pessoas. Novas, maiores e mais complexas estruturas de alojamento para o crescente fluxo de populações que se dirigiam para a América tornaram-se necessárias.

**Quadro numérico dos imigrantes para EUA, Canadá, Argentina e Brasil**

Imigração para o continente Americano (1820-1914)

<b>País</b>	<b>Período</b>	<b>Números Absolutos</b>
<b>Estados Unidos</b>	1820-1914	35.052.123
<b>Canadá</b>	1820-1914	5.625.147
<b>Argentina</b>	1854-1914	4.660.539
<b>Brasil</b>	1820-1914	3.354.829

**Fonte: Boletim do Departamento de Imigração e Colonização. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n.5, dez. 1950. p. 139-140**

As Hospedarias de Imigrantes, construídas em vários países do continente americano a partir da segunda metade do século XIX, cumpriram uma função de destaque na dinâmica dos deslocamentos populacionais. Na Alemanha, Japão e Itália, Hospedarias de Emigrantes foram erigidas no mesmo período. Em ambos os lados do processo migratório – saída (emigração) e chegada (imigração), elas foram os locais para a expedição ou aferição de documentos, o controle médico-sanitário, o registro e encaminhamento para o local de destino.

Geralmente, as Hospedarias localizavam-se próximas a regiões portuárias ou mesmo em ilhas, o que facilitava os trabalhos de conferência de documentação, controle médico-sanitário e de alfândega. A Hospedaria de São Paulo foi a única exceção a essa regra dentre as grandes

Hospedarias. A topografia acidentada entre o litoral e o planalto e o fato da malha ferroviária irradiar-se a partir da cidade de São Paulo fez com que a opção pela construção de uma Hospedaria no planalto fosse a mais adequada.

Criadas num contexto cuja necessidade de coordenação dos fluxos migratórios pelo Estado era fundamental, as Hospedarias de Imigrantes e de Emigrantes cumpriram um importante papel nas políticas migratórias oficiais. Despedidas, sonhos e esperança eram palavras-chave no vocabulário daqueles que partiam das hospedarias dos portos de Kobe, no Japão, de Hamburgo, na Alemanha, e de Gênova, na Itália, portais de embarque para o Novo Mundo.

Entre as hospedarias de recepção de imigrantes na América destacaram-se a Hospedaria de Buenos Aires (1911-1953), na Argentina, e a Hospedaria da Ilha de Ellis, em Nova York (1892–1954), Estados Unidos.

#### **Ellis Island (EUA)**

Ellis Island, porta de entrada dos imigrantes nos Estados Unidos, situa-se numa pequena ilha na foz do Rio Hudson. De 1892 a 1954, mais de 12 milhões de imigrantes europeus, recém-chegados de longas viagens em navios a vapor, registraram os seus nomes na ilha e tentaram a sorte em novas terras. Em 1990, o edifício por onde passaram os imigrantes foi transformado em museu.

#### **Hotel dos Imigrantes (Argentina)**

O Hotel dos Imigrantes recebeu, entre 1911 e 1953, 3,7 milhões de imigrantes provenientes de 60 países que aportavam na Argentina em busca de uma vida melhor. Depois de cinco dias de estada, com alimentação e alojamento garantidos, partiam para trabalhar no interior. Em agosto de 1985, o espaço do edifício foi remodelado para abrigar o Museo Nacional de la Inmigración da Argentina.

## **2C: Hospedarias de emigrantes na Europa e seus exemplares nas Américas (mapa com imagens da Crise Europa)**

### **Kobe (Japão)**

A Hospedaria Nacional dos Emigrantes Ultramarinos de Kobe, no Japão, foi construída em março de 1928, como resultado da Lei de Incentivo à Emigração. Centenas de emigrantes ficavam abrigados na hospedaria durante aproximadamente dez dias, até a partida do navio. Rebatizada como “Centro de Habilitação para os Emigrantes Ultramarinos de Kobe”, em 1932, seu funcionamento foi temporariamente interrompido pela guerra. Em 1952, foi reaberta como “Central de Serviços de Emigração de Kobe”, acompanhando a retomada da remessa de emigrantes para o exterior. Em 1964, o prédio novamente rebatizado, desta feita como “Centro de Emigração de Kōbe”, mas, com a queda de emigrantes servindo-se daquele porto, a antiga hospedaria encerrou suas atividades em 31 de maio de 1971, depois de quase 40 anos de funcionamento (incluindo-se o período em que a emigração esteve interrompida).

### **Bremen**

O Centro de Emigração Alemão está localizado no Novo Porto, aberto em 1852, em Bremerhaven. Bremerhaven foi o maior porto de emigração da Europa, seguido de Hamburgo, com aproximadamente 5 milhões de pessoas, que deixaram o continente europeu.

Até 1890 foi passagem de quase 1,2 milhão de pessoas que deixaram a Alemanha rumo ao Novo Mundo. Também o Velho Porto, o Porto dos Imperadores e o Cais Columbus foram locais de partida de 7,2 milhões de emigrantes que deixaram Bremerhaven.

Entre 1821 e 1914 um total de 44 milhões de europeus deixaram a Europa. O Centro de Emigração Alemão foi reaberto em 5 de agosto de 2005 para visitação.

7,2 milhões de pessoas foram ao Novo Mundo via Bremerhaven entre 1830 e 1974, entre os quais 3,7 milhões de alemães, 3,4 milhões do Leste Europeu e 100.000 escandinavos.

### **Gênova, Stazione Marittima**

O porto de Gênova foi o mais movimentado da Europa, porque foi o principal porto de partida das populações do Norte da Itália e de outros países europeus, além de ser o porto de embarque das elites em viagens de lazer.

A construção da Estação de Gênova teve início em 1914, mas foi interrompida durante a guerra. Inaugurada em 1930, sofreu várias alterações do projeto original. O conjunto era composto por três edifícios principais, seguindo o plano de cais, ligados por passagens, com a 1ª e a 2ª classes de passageiros no saguão do primeiro andar e a 3ª classe no nível do cais.



## **As hospedarias no Brasil (mapa)**

No Brasil, a hospedaria mais importante foi a Hospedaria de São Paulo (1888-1978). No entanto, existiram outras hospedarias criadas para atender ao crescimento do fluxo imigratório, menos conhecidas e cujas informações são muito escassas.

### **Minas Gerais: Hospedaria de Imigrantes Horta Barbosa**

A Hospedaria de Imigrantes Horta Barbosa foi instalada em Juiz de Fora, em agosto de 1888, no atual bairro de Santa Terezinha, e foi desativada na primeira década do século XX. Atualmente encontra-se no local o 2º Batalhão de Polícia Militar.

### **Rio de Janeiro: Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores**

A Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores foi criada pela Inspetoria de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura brasileiro, em maio de 1883. Desativada em 1966, foi ocupada pela Marinha do Brasil. No Rio de Janeiro existiu também a Hospedaria do Imigrante de Pinheiros (local desconhecido) e a Hospedaria de Imigrante no Morro da Saúde, criada em 1867 e fechada em 1881, por não oferecer mais salubridade, que recebeu diversos imigrantes norte-americanos (por causa da Guerra de Secessão) e europeus.

### **Espírito Santo: Hospedaria dos Imigrantes Alfredo Chaves**

A Hospedaria dos Imigrantes de Vitória foi inaugurada em 1889, na localidade de Pedra d'Água, na entrada de uma baía pertencente ao município de Vila Velha. Em 1924 o edifício foi transformado em penitenciária do Estado, situação que permanece até os dias atuais, com a denominação de Instituto de Reabilitação Social (IRS).

### **Pará: Hospedaria dos Imigrantes da Ilha do Outeiro**

Outeiro é uma ilha situada a 18 km do centro de Belém. Em 1893 foi criada pelo governador José Paes de Carvalho, a Colônia de Outeiro (ou núcleo modelo de colonização), que recebeu em abril de 1893 doze famílias italianas que deram o pontapé definitivo na colonização de Outeiro. Também foram para lá imigrantes nordestinos e de outros locais da Europa. Uma segunda hospedaria em Outeiro foi implantada na antiga colônia agrícola, que depois foi Patronato, Escola

Agrícola Manoel Barata, Colégio Agrícola Manoel Barata, até ser transferida para Castanhal em 1972. No local, atualmente funciona as dependências do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP).

### **Amazonas: Hospedaria de Imigrantes Pensador - Manaus**

Em 1958, devido à grande seca no Nordeste, dezenas de famílias embarcaram para Manaus com o apoio do governo do Amazonas e do Departamento Nacional de Imigração. Os nordestinos vieram para o trabalho na retirada do látex e se instalaram inicialmente na hospedaria, batizada pelos moradores de Hospedaria Pensador, em homenagem ao governador Eduardo Ribeiro.

### **Santa Catarina: Hospedaria do Saco do Padre Inácio**

O edifício da antiga Hospedaria do Saco do Padre Inácio, que hoje abriga o Portal de Florianópolis, data de 29 de junho de 1890. Na época, o prédio foi descrito como um edifício situado em magnífico local, possuindo um bom ponto e uma excelente vista, com acomodações para 250 pessoas. A Hospedaria foi o primeiro edifício projetado e construído pelo poder público depois da Proclamação da República. Durante o período de 1904 a 1906, o prédio sediou a Estação Agrônômica e Veterinária, e a partir de 1907 passou a abrigar a Escola de Aprendizes Marinheiros.

### **São Paulo: Hospedaria de Imigrantes de Santos**

Construída a partir de 1912 com o objetivo de hospedar os imigrantes que chegavam ao porto santista, procedentes do Japão e da Europa, e a caminho das fazendas do interior paulista e paranaense, a Hospedaria de Imigrantes nunca serviu a essa função. Na época de sua construção o fluxo migratório diminuía, sendo os imigrantes diretamente conduzidos à seção competente, em São Paulo, para quarentena. O edifício acabou sendo utilizado como armazém de café, depósito da Cooperativa dos Bananicultores e pátio de contêineres. Atualmente, há estudos para ocupação do espaço com empreendimento vinculado ao turismo de negócios.

### **São Paulo: Hospedaria de Imigrantes de Campinas**

A iniciativa de erguer mais dois estabelecimentos para receber imigrantes no Estado de São partiu do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1890. A construção da Hospedaria de Campinas foi colocada em concorrência pública, em 1891, e suas obras interrompidas por falta de

recursos. A planta do conjunto é desconhecida, mas o esquema pertencente ao relatório apresentado à Câmara Municipal, em 1894, apresenta grande semelhança com a hospedaria de São Paulo

### **Corredor - Travessia: A viagem (passagem entre o módulo 2 e 3)**

A migração é quase sempre uma experiência radical. Aquele que se desloca no espaço vive os mais variados sentidos da perda de suas raízes e da reelaboração delas no novo contexto de inserção. O deslocamento é, portanto, mais do que espacial, ele é temporal, cultural, familiar, subjetivo e mesmo político.

O deslocamento causa estranhamentos múltiplos, sugere perdas e ganhos, implica em negociações com o outro, com o novo lugar, constrói novas identidades, alarga nossa dimensão de vida, de mundo, do que é ser humano.

Milhões de homens, mulheres e crianças deslocaram-se para novas e estranhas terras. Deparam-se com desafios, tiveram que superar muitas adversidades. Muitas dessas sensações, dessas impressões e desses desafios impregnaram suas memórias, algumas se perderam e outras puderam ser registradas pela História Oral, outras ainda ganharam concretude nas cartas enviadas. Sejam quais forem as formas da memória, todas expressam os aspectos transformadores da experiência do deslocamento.

### **Depoimentos**

#### **Travessia / viagem**

“(...) naquela época só moleque, é gostoso tantos dias, quarenta e cinco dias de navio, ficou contente. Parece que está passando o mundo inteiro..., que vai passear no mundo inteiro, então não pensa em nada, (...), não pensa nada, só fica contente (...).”(Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 03)

“No navio, então... tudo é uma alegria. Para mim então, eu não esqueci da irmã que ficou, da casa, tudo, mas uma alegria imensa de viajar. Mar, tudo muito bonito... muito divertido... No navio ficamos 19 dias... no navio... então dançavam... outros passavam bem, outros passavam pior, balançava mais... balançava menos... estava muito... eu gostei muito. (...) Chegamos em Santos, também era aquele desembarque, já não tinha mais o almoço naquele dia... no navio, deram um lanche para desembarcar. (...) Então nós tomamos o trem, fechava a porta do trem, trancaram o trem. Nós curiosos para saber... para abrir. Porque pensou – a gente vai se espalhar na parada...

então, como é que fica? –, então ficamos trancados no trem, tudo muito bonito... (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 07)

“(...) todo mundo se sentiu mal... mas não teve uma pessoa que não se sentisse mal no começo. Eu não sei... não posso nem dizer por que... é que a gente larga a terra da gente, vai pro meio da água, parece que a gente fica meio nervoso... então lá não dava nem por onde passar, as pessoas vomitavam... ah... mas foi uma tristeza. Mas foi só no começo. Depois a gente se divertia... brincava, conversava... até dançava no barco, comia bem... Depois a viagem foi boa....” (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 07)

“De Minas. Eles saíam do Estado de origem, da Bahia, atravessavam o rio São Francisco e a cidade de Montes Claros, que era a última cidade de Minas lá em cima. Então, era o ponto final da estrada de ferro. Tinham um ou dois funcionários para entregar a passagem. Existiam uns que vinham por conta do Estado e outros que vinham por conta própria, e também aqueles que vinham de ‘pau de arara’. (...) coisa horrorosa, não sei como aguentavam viajar 10, 12 dias sentados naquela tábua trazendo papagaio, moringa, cabrito, essas coisas... cabaça... era uma cena triste! Acostumei... tanto é que quando entrei no serviço falavam que eu não ia aguentar aquilo.” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p.06)

“É aqueles preparativos de viagem. Primeiro a aquisição das passagens no embarque num vaporzinho que se fazia em Juazeiro. Naquele tempo não existia o chamado ‘pau-de-arara’; não existia outro transporte clandestino senão o vaporzinho do Rio São Francisco. (...) Era o único meio de transporte ou senão via costeira, pelo mar. (...) saía de Juazeiro até Pirapora numa extensão de 1221 km. Viagens que quando o rio estava seco demorava de 10 a 12 dias, até 18 dias como foi nosso caso. (...) sem contar mais 3 dias de trem de Pirapora até São Paulo.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 09)

“Ocorria que em Pirapora, quando se chegava da viagem do São Francisco, cada um pegava a sua passagem, senão por si mesmo, custeada por parentes que aqui estavam em São Paulo e mandavam os meios de transportes para que os seus parentes para cá viessem. Mas chegando em Pirapora, os migrantes já passavam a ser cuidados pelo serviço de migração. Que como eu disse, era quem motivava a vinda desse povo para a agricultura, que era o forte na época, em São Paulo na década de 40. (...) de Pirapora para São Paulo, aí a passagem para o migrante era um trem,

chamado ‘mineiro’, que ele vinha do Rio de Janeiro para Minas Gerais até Pirapora. (...) engatava-se, juntava-se a esse trem dois vagões especiais; vagões de segunda, terceira classe que era destinado aos migrantes. Só que aí a passagem era de graça, a passagem era liberada pelo serviço de migração e o migrante passava a ser então senão propriedade, mas bem desse serviço de migração.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 13)

### **Módulo 3: A Hospedaria de Imigrantes**

Em seus noventa anos de história, o edifício da Hospedaria dos Imigrantes passou por inúmeras alterações em sua arquitetura e readaptações em seu uso. Entretanto, nunca foi um edifício apartado da história e mesmo após o encerramento de suas atividades, em 1978, este edifício mantém uma de suas funções básicas e originais: servir como alojamento de indivíduos e grupos migrantes e imigrantes.

#### **VITRINE 3 e 4 - OBJETOS DE ESCRITÓRIO**

##### **Administração da Hospedaria**

Os serviços de recepção, triagem e encaminhamento estiveram ativos durante os noventa anos de funcionamento da Hospedaria dos Imigrantes (1888-1978), bem como a maior parte dos serviços que nela foram implementados. Porém, a Hospedaria passou por sucessivas reorganizações em sua estrutura e nas atribuições de seus departamentos, de modo que sua história administrativa confunde-se com a história da administração do Estado de São Paulo, e com a dos muitos órgãos ligados à Secretaria de Agricultura que, cada qual a seu tempo, foram responsáveis pelos serviços de terras, colonização e imigração.

##### **Estrutura de funcionamento do edifício**

A Hospedaria de Imigrantes contava com oito grandes dormitórios, seis no primeiro andar e dois no térreo, que acomodavam cada um deles, em casos normais, cerca de 150 pessoas, com divisões para famílias e solteiros. Junto às paredes, as camas de ferro eram erguidas, deixando espaço livre para a circulação. A parte central era dividida por madeiras, em pequenos quartos reservados às famílias; tais divisões eram desmontáveis e tanto elas como as camas de ferro constituíam importantes inovações para a época. Posteriormente, os cubículos para as famílias foram removidos e substituídos por camas, e os dormitórios passaram a ser separados por sexo. Nos alojamentos havia compartimentos com lavatórios e privadas para utilização noturna. Toda a roupa de cama era esterilizada por máquinas a vapor na lavanderia à esquerda do edifício central.

## **VITRINE 2 – OBJETOS DE BARBEARIA**

A Seção de Banhos era constituída de trinta e um banheiros e estufa para a desinfecção de roupas. Cada banheiro, com água quente e fria, continha três compartimentos: um para o imigrante despir-se, outro para tomar banho e o último para vestir-se com a roupa deixada no primeiro compartimento e desinfetada na estufa. Após passar por este processo, o imigrante retirava-se por um corredor independente, não entrando em contato com os que ainda não tivessem passado pelo banho e pela desinfecção de roupas.

### **Recepção dos imigrantes**

Recepção, triagem e encaminhamento – era este o tripé que determinava a permanência dos imigrantes estrangeiros e nacionais na Hospedaria e seu posterior encaminhamento para as fazendas no interior do Estado. Os imigrantes que não traziam Carta de Chamada e não vinham com seu contrato de trabalho garantido, tinham pouso na Hospedaria por um tempo ideal de permanência de dois dias, durante os quais eram intercalados os serviços de alimentação, alojamento, controle médico sanitário e direcionamento ao trabalho. A estada dos imigrantes na Hospedaria era condicionada também pela oferta de trabalho, a existência de problemas médico-sanitários ou à disponibilidade de transporte para o interior. Assim, de acordo com os registros da Hospedaria, o tempo médio de permanência era de uma semana.

### **Cartas de Chamada**

Durante as primeiras décadas do século XX, a troca de correspondência entre os imigrantes radicados no Brasil e seus parentes na Europa era algo comum. Os relatos positivos sobre a vida no Brasil incentivavam os que ficaram na Europa a emigrarem e, em vários casos, os imigrantes aqui estabelecidos davam garantias de emprego e moradia.

De posse destas cartas, muitos imigrantes tinham seu ingresso facilitado no Brasil, pois os fiscais de imigração entendiam que o imigrante teria amparo da família ou amigos para sua fixação no país. Era comum a carta ser confiscada pelos fiscais da imigração e anexada à lista de bordo do navio que trazia o imigrante. Na medida em que as listas de bordo eram arquivadas, as cartas passaram a compor o acervo da Antiga Hospedaria de Imigrantes.



O sucesso das Cartas de Chamada como expediente de entrada de imigrantes no Brasil, aliado ao fato de boa parte dos imigrantes serem analfabetos, fez com que consulados como o de Portugal e Espanha criassem um tipo de Carta de Chamada que, em realidade, era um formulário padrão no qual o imigrante preenchia apenas alguns dados do interessado em imigrar para o Brasil.

### **Atendimento médico**

#### **Vitrine 1 – OBJETOS DE ENFERMARIA**

Atravessando os oceanos em porões superlotados, sob péssimas condições de higiene, numa época marcada por grandes epidemias de varíola, tuberculose, tifo, cólera, entre outras, o imigrante tinha na sua boa condição de saúde o cartão de entrada para uma nova vida. Ao chegar à Hospedaria, após os primeiros procedimentos de higiene, o imigrante passava pelo serviço médico, que avaliava com acuidade seu estado de saúde. Este serviço estava localizado no pavimento térreo do Edifício da Enfermaria, onde funcionavam também a farmácia, a cozinha e a rouparia. A Hospedaria contava com um médico, um enfermeiro e uma parteira. No pavimento superior estavam situados três dormitórios com vinte leitos que atendiam somente os casos de urgência. Já os doentes com maior gravidade eram removidos para a Santa Casa de Misericórdia ou para o Hospital de Isolamento.

A parteira, além de exercer suas funções, devia também prestar serviço como enfermeira no compartimento das mulheres. Todos os funcionários da enfermaria residiam na Hospedaria.

### **Refeição**

Logo após os primeiros procedimentos de chegada, os imigrantes eram levados ao refeitório, onde era servida a primeira refeição. Em seguida o regulamento interno da Hospedaria, impresso em seis línguas diferentes e afixado em todas as suas dependências, era comunicado e explicado.

A Hospedaria contava com refeitórios que comportavam oitenta mesas, cada uma com dez lugares, onde eram servidos: às 7 horas o café da manhã, composto de café e pão; às 11 horas o almoço, às 16 horas o jantar e às 19 horas o café da tarde. O cardápio das refeições geralmente era composto de pão, carne, feijão, arroz, batata ou verdura e café. As crianças fracas ou menores

de três anos recebiam leite. Os imigrantes quando embarcavam no trem para as fazendas de destino no interior levavam um farnel, composto de pão e salame.

A Hospedaria possuía um restaurante pago, funcionando com aparelhos especiais a gás, onde os imigrantes que preferissem podiam ser servidos à vontade, por um preço módico, de acordo com tabela aprovada pelo governo.

### **Acervo – malas, baús...**

#### **VITRINE 5 – OBJETOS PESSOAIS**

À esquerda, no edifício central, ficavam os armazéns de bagagem, onde eram recolhidas as bagagens dos imigrantes, enviadas pela Alfândega de Santos, para serem examinadas por um funcionário da Alfândega Federal.

Da bagagem faziam parte, além das malas, os mais diversos objetos como baús, sacos, caixas, fardos, trouxas, volumes amarrados, móveis, tais como camas, cadeiras e mesas, roupas, joias, utensílios domésticos e instrumentos de trabalho. Havia artefatos especialmente considerados como “bagagens do colono que viesse se estabelecer no país”, a saber, barras, catres, louça comum e usada, instrumentos para trabalho na lavoura, além da tolerância de uma espingarda de caça para cada adulto.

Além da inspeção feita pela Alfândega, as bagagens passavam por um processo de desinfecção, que geralmente ocorria com morosidade, dada à insuficiência de instalações existentes para esse fim. Assim, era comum o atraso no envio das bagagens da Hospedaria às respectivas fazendas para onde se encaminhavam os imigrantes.

Muitas vezes, por apresentarem etiqueta com dados incorretos, ou por outro motivo qualquer, as bagagens eram extraviadas ou permaneciam nos armazéns da Hospedaria, sem serem procuradas por seus donos. Nesses casos, os volumes eram leiloados.

### **Agência Oficial de Colonização e Trabalho**

Em 1906, foi anexada uma construção à direita do prédio principal, que passou a servir à Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Considerada uma inovação para a época, a Agência possuía

exclusividade na intermediação entre os fazendeiros e os imigrantes e seu posterior encaminhamento aos locais de trabalho, de acordo com suas profissões. Era dividida em duas seções – a primeira, dedicada à colocação dos trabalhadores e à celebração dos contratos e, a segunda, onde eram feitos os contratos de distribuição, compra e venda de lotes em Núcleos Coloniais. Em ambos os casos, os contratos eram definidos na presença de um funcionário da Agência e lá eram registrados. O imigrante recebia uma caderneta autenticada, na qual eram definidos os termos do contrato de trabalho ou de concessão de terras. Em 1911, teve seu nome alterado para Agência Oficial de Colocação.

Quando o imigrante chegava à Agência Oficial de Colonização e Trabalho, procedia-se à chamada dos mesmos e pelas listas e documentos que os acompanhava fazia-se a verificação de seus nomes, idades, profissões, parentesco e constituição de famílias, e se estavam ou não em condições de serem aceitos por conta dos decretos, contratos e autorizações que regiam a sua introdução.

Na parede ficavam afixados grandes quadros-negros, nos quais eram escritas as ofertas dos fazendeiros e os lugares onde se podia encontrar colocação, com a indicação das respectivas distâncias. Um mapa do Estado de São Paulo ajudava os imigrantes a se localizarem melhor.

### **A migração interna - destaque do módulo**

As secas periódicas no sertão nordestino e a existência de regiões em processo de estagnação econômica – como foi o caso de áreas produtoras de cana-de-açúcar em Pernambuco ou de algodão em vários Estados nordestinos – impulsionaram, a partir das últimas décadas do século XIX, milhares de pessoas a buscarem nas regiões mais ao sul do país a possibilidade de um recomeço. Nesse contexto, a migração de brasileiros de outros Estados para São Paulo foi contemporânea à entrada de imigrantes europeus, pois encontramos, já em 1888, a primeira menção sobre a passagem pela Hospedaria de trabalhadores nacionais vindos do Ceará. Esse contingente, apesar de inferior ao de imigrantes estrangeiros – entre o final do século XIX e a década de 1920 – cresceu ao longo dos anos e superou já no início da década de 1930 a entrada de estrangeiros: dos 633.986 entrados na cidade ao longo desse período, quase 69% do total era composto por trabalhadores nacionais. De acordo com dados da Secretaria de Agricultura, entre os anos de 1910 e 1933, o Estado recebeu um fluxo de mais de 323.400 migrantes, que tinham

como principal destino o trabalho na agricultura. Somente em meados da década de 1930 e, principalmente, a partir de 1950, com o desenvolvimento industrial de regiões como o ABC paulista, é que esse contingente passou a se fixar no meio urbano de forma mais intensa.

A inserção desses trabalhadores em São Paulo não foi mais fácil do que a dos imigrantes. Embora falassem a mesma língua e compartilhassem aspectos da cultura de sua nova terra – como o caso da religião – foram recebidos como estrangeiros, numa realidade que procurava negar seus laços com o próprio país.

### **Depoimentos - Migração nordestina: regiões de inserção de trabalhadores no interior do Estado**

“(...) quem tinha parentes aqui tinha até direito de escolher, mas os que não tinham era o próprio serviço de migração que escolhia e obrigatoriamente dizia àquele grupo: – Vocês vão para Marília, vocês vão para Bastos, vocês vão para Araraquara, para aquelas cidades mais... onde o cultivo do café e depois do algodão era mais intenso. Ou senão onde as matas a serem derrubadas, porque na verdade, naquela época embora se dissesse que o migrante vinha para a agricultura, não! E se fosse para a agricultura era, simplesmente, para serem colonos, como foram os italianos, como foram os europeus. Os nordestinos também iam para serem colonos e se abrigarem nas mesmas casas de colonos, onde se abrigaram nos velhos tempos os europeus (...).” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 20 e 21)

“Em Colina. Isso até dar um tempo de voltar. Porque o serviço de migração mantinha uma certa fiscalização. Distribuíam o pessoal e mantinha uma certa fiscalização se o pessoal realmente permanecia, ou se... porque não podia, por exemplo, chegar lá em Colina, num dia e no outro voltar. Tinha que permanecer. Podia até mudar depois, mas tinha que permanecer um certo tempo agregado ao local. Então nós tivemos que, embora o nosso destino fosse São Caetano, tivemos que ficar lá por volta de uns três meses (...).” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 23)

“Quando nós chegamos o meu tio era casado com a minha tia Aurora, que era descendente de alemão. Meu tio baiano casado com uma alemã era uma coisa até certo ponto, nem era alemã; era alemã descendente de austríaco. Tanto é que o sobrenome dela era Niskus e os filhos eram Nelson, Neusa, Cleusa, Niskus Barbosa (...).” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 23)

#### **Módulo 4: A Hospedaria e o cotidiano**

**VITRINE – Os objetos museológicos estão divididos nas seguintes categorias:**

**ESCRITÓRIO , COZINHA, OBJETOS PESSOAIS, GRÁFICA, BARBEARIA, ENFERMARIA.**

**Depoimentos Módulos 3 e 4 (Separados por temas) – podem ser usados pelo educativo ou em conjuntos com as cartas que estarão disponíveis nas gavetas.**

#### **Cotidiano na Hospedaria**

“Sim, são grandes salões, com beliches, mas nós éramos umas 80 pessoas, de maneira que não enchamos muito. A Hospedaria naquele tempo estava meio vazia... Não era tempo de imigração. Em janeiro de 20.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 07)

“Para registro, e depois pra pegar os cobertores, os lençóis, pra nós entrarmos. Subimos aquela escada (...), aqueles beliches que eram meio de madeira escura, com aqueles colchões um pouco altos, eram feitos de palha, não sei... Capim, isso, isso. E minha mãe, coitada..., nos arrumamos, deram as camas lá pra gente, (...) não comemos nada, não deram nada pra gente comer. (...) mortos de fome, mas tudo bem, vai fazer o quê? Você vai acordar quem? Tudo silêncio, uma garoa.” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 11)

“(...) Aí de manhã cedo eu levantei, sabe com aquele negócio, aonde eu estou? (...) abro os olhos, ai meu Deus!, onde eu estou? Sabe quando você fica confuso, ah!, tô na Imigração, fiquei olhando, olhando bem, me levantei e falei: ‘Quero ir no banheiro’, (...) quando me olho no espelho, todo manchado de sangue, sabe pontinha de sangue (...). Eu falei: ‘Meu Deus, o que é isso?’ (...) aí chamei um senhor (...), aí eu falei: ‘You speak english?’, não, não, não, ‘Vous parlez français?’, não, não, não, ‘Ai!, e agora?, como é que eu vou me explicar’, fazia assim, o que era isso? Pulga (...). Eu perguntava: ‘O que é isso?’, ele falava, mas eu não entendia, eu dava risada porque picava (...).” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 12)

“(...) Havia até casos interessantes do marido não querer dormir longe da mulher, de jeito nenhum, era uma briga! Precisava aquela paciência...(...) No fim, o funcionário sempre convencia. E esse funcionário, engraçado, não sei se você conhece lá em cima, tinha um alojamento para cá e

outro para lá. No meio existiam as instalações sanitárias, ele ficava sentado ali no meio, era um senhor de idade, filho de italiano, mal a gente entendia o que falava. Ele chamava-se Cheregá. (...)” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

“Bom, era um horário para a comida, mas o resto tinha liberdade. Nós saíamos, fomos visitar a cidade e fazer amizade com conhecidos.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 07)

“É tudo no pátio interno. Até porque a saída para rua era proibida. Existia uma fiscalização, ninguém saía. Os migrantes que aqui chegavam não podiam sair, senão acompanhados para embarcar. Sair para passear, isso... éramos verdadeiros internos! Do adulto à criança.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 20)

### **Recepção:**

“(...) Em São Paulo desembarcamos e fomos para aquele registro da imigração, registramos os nomes e depois fomos diretamente para a sala de jantar. E comemos depois de 22 dias o primeiro jantar mais ou menos apreciável: carne, arroz, feijão e um bom pão italiano, né? (...) depois de 20 dias de macarrão, pelo menos é alguma coisa.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 06)

“Tinha uma chefia, existia uma seção da parte administrativa, seção de embarque, seção médica, cozinha, inspetoria, etc... A Hospedaria funcionava de forma muito simples: o imigrante entrava na Hospedaria, passava (...) a primeira coisa que ele fazia, em quantidade sempre grande, mínimo 500, 600, havia levas até de 1000. Entrava na Hospedaria, tomava seu banho imediatamente: os homens iam para a seção de matrícula, matriculavam-se e depois as mulheres, neste ínterim, elas tomavam banho, mudavam de roupa, etc. e depois, terminada a matrícula, elas iam jantar, descansavam um pouquinho, eles iam para uma seção de alojamento para receber os cobertores – esses tipos de cobertores eram usados diariamente e desinfetados. (...) Dormiam. Existia lá em cima, na parte superior, um alojamento de homens e mulheres. Lá em cima as mulheres dormiam separadas dos homens, sabe! Os homens num alojamento e as mulheres no outro.” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

### **Atendimento Médico**

“(...) No dia seguinte, de manhã, era o exame médico para mulheres e homens. As mulheres de um lado, sempre separado, e os homens no outro. Quando o médico descobria qualquer doença grave, eles eram retidos e ficavam conforme o caso. O caso, por exemplo, grave, muito grave, doença contagiosa, etc., o departamento mandava para um serviço especializado; quando era uma doença comum, que não pudesse viajar, ficaria retido ali... E havia casos que a mulher ficava doente e o marido, então, levava todos os filhos – engraçado – levava os filhos para a roça. (...) levava os filhos, e quando os garotos ficavam bons, o Departamento passava um telegrama avisando que a mulher e o filho já estavam bons e ele ia buscar. Isso era o exame médico (...)” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

### **Refeição**

“(...) pra mim não estava ruim, mas meu pai e mãe ficaram assustados, porque dentro do prato osso grande de vaca, né? Nunca viu, nós no Japão nunca viu... Quando viu carne, mas nunca viu osso. (...) Então assusta, minha mãe não comia nada. Ainda tem macarrão no meio do feijão, macarrão furado e parece que enxerga o outro lado, aquela mangueira cortada, e assustando, assustando...Só o Brasil, novidade, só dá novidade, assustando, né?.” (Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 04)

### **Encaminhamento**

“Porque naquela época a lavoura solicitava muita mão de obra, tanto que elas vinham para trabalhar na lavoura. Chegava época do ano que as levavam aumentavam, também por causa da seca no Nordeste, como também por causa das colheitas. Na época do algodão colhiam o algodão e voltavam para o Nordeste (...). desde que eles viessem para São Paulo com o destino para a lavoura...na estação do Norte existiam dois funcionários uniformizados – escrito bem grande: ‘embargados’ – eles ficavam ali, já conheciam esse tipo de imigrantes. Ficavam gritando: ‘Quem é da imigração fica perto de mim’. Era aquela multidão... 400, 500 pessoas. Ele ia na frente e as pessoas iam atrás. Iam a pé: crianças, papagaio, tudo...Era uma verdadeira retirada de nordestino (...)” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 05)

“(...) Se chegassem 500 e a leva tivesse boa, no dia seguinte à tarde já estavam todos dentro do trem, empregados, alimentados e exame médico já feito. (...) A coisa era simples, não sobrava imigrante em 24 horas, entrava e saía... (...) No ano de 1951, quando houve uma grande seca no

Nordeste, nos chegamos a receber por dia 5 mil imigrantes. (...) No dia seguinte estavam todos embarcados e empregados (...)" (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 04)

### **Preparativos para a viagem e despedida**

"Bom, os preparativos eram arranjar dinheiro e arranjar utensílios para a vida na fazenda, porque todo mundo achava que aqui não tinha nada, era bom de trazer, então comprava-se cada coisa inútil, por exemplo selas de cavalo (...). Então cada um veio com espingarda e livros, principalmente livros, como criar galinhas, como tratar de vacas, sabe?...só que a vaca não atendia aquilo que estava escrito no manual, né? Nem as galinhas se interessavam." (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 05)

"Olha, em primeiro lugar eu precisei arrumar uma profissão. Sem profissão não estava podendo vir para cá, então me preparei, arrumei documentos de pedreiro, fui no sindicato, fiz um cursinho... então aí eu tirei o documento de pedreiro, então já vim com uma profissão. Cheguei aqui... não fui trabalhar de pedreiro, fui trabalhar de guarda na obra." (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 06)

"Ah, minha filha, o dia mais triste acho que foi o dia que nós saímos de lá. Olha, até chorei esse dia, quando estava lendo aquele livro. Porque, sabe, como saiu muita gente, então todo mundo deixou parente lá. Então aquele dia foi uma tristeza maior da vida, viu? E quando nós estava para embarcar o Padre chamou as famílias, né? E ele deu um livro, como de lembrança, pra ensinar, né? E ele falou pra nós que ele sentia muito de deixar nós irmos, tudo, mas ele falou: 'A vida aqui já está um pouco dura, então, o que que eu vou fazer, né? E na hora que nós estava embarcando veia a banda de música e começou a tocar. Aí que foi a maior tristeza ainda.'" (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 04)

"(...) Só que aquelas famílias que iriam embarcar para São Paulo, para embarcar da criança ao velho, ao ancião tinha que ter um atestado médico, fornecidos por médicos da saúde, da Vigilância Sanitária, ou Saúde Pública, do governo de Minas (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 14)

### **Expectativas**



“(...) Coreia não tinha muito serviço, ainda resto daquela guerra... consegui um financiamento (...), nós ainda jovem e Brasil que é um país grande, (...) eu não conhecia o Brasil, não, mas pelo mapa era tão grandão! Aí nossos irmãos pensaram que vai dar para trabalhar aqui, vai ter que procurar trabalho aqui, vai dar negócio. Daí é por isso que nós, três irmãos, viemos pra cá!” (Choong Hyun Cho, Seul-Coreia, chegada: 1963. Livro 10, p. 08)

“(...) Eles foram buscar nós, né? Já tinha gente já mesmo que tinha escolhido, que eles falavam que era tanta coisa quando nós chegasse aqui, não deram nada, deram uma enxada pra gente carpir.” (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 04)

“(...) Por que o galego emigra, se a Galícia é rica? Riquíssima... riquíssima... Por que o espanhol do sul emigrava? Onde tinha grandes fazendas? Porque ele não comia... ele não vestia, ele passava fome... Então, América era uma esperança... para eles (...).” (Diego Gimenez Moreno, Espanha, chegada: 1952. Livro 14, p. 14)

“(...) É porque naquela época, 1929, por aí, (...) o Brasil parecia melhor, como agora o Japão está bom. Todo mundo vão trabalhar ganha mais. Então a gente soube desse boato, então meu pai queria trazer aqui mais ou menos cinco, dez anos pra trabalhar no Brasil, já dá pra comprar casa, carro, tudo! Igual como agora que brasileiro vai trabalhar no Japão.” (Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 02)

“(...) a ilusão da gente... de melhorar alguma coisa, né? Então (...) como a gente foi criado num lugar onde não se ganhava nada (...), trabalha para viver... ou vive daquilo que faz, praticamente... serviço na roça, no campo, né? Então, a gente escuta falar de ir para o estrangeiro (...) é a ilusão da gente ter uma vida melhor. Eu graças a Deus tenho uma vida melhor do que se estivesse lá. Talvez até lá estaria bem, porque o pessoal que ficou lá... também se defenderam bem, estão bem de vida (...).” (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 05)

“(...) que era a verdadeira Canaã. Que aqui chegando tudo se tinha e tudo se conquistava. Eram essas notícias que lá chegava. De boca em boca. E aquilo foi fazendo com que o nordestino, cansado exatamente dos sofrimentos periódicos, a seca e todas aquelas dificuldades, e cansado, principalmente, do domínio dos chamados coronéis; é lógico que se motivaram a vir buscar a

grande Canaã que era São Paulo.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 08)

### **Motivações**

“(…) Nós estávamos praticamente terminando o período da repressão política mais séria. Então muitos dos professores que haviam sido meus professores no primeiro ano de faculdade tinham emigrado. (...) E quando eu terminei de estudar na faculdade, aqueles poucos que ajudaram a me formar e formaram meu colegas também tinham ido embora pra outros cantos. Então, os profissionais recém formados e os outros eram muito mal pagos. O mercado de trabalho era inexistente. (...) Quando eu tomei ciência do Brasil, da existência do mercado de trabalho brasileiro.” (Maria Isabel Levit, Argentina. Livro, 35, p. 10)

“Tá cheio de chinês (...) Esse tudo são emigrante por causa de economia, porque China tem bastante gente e competição pra emprego é... muito, muito... aí devagarinho sair. Chinês sempre trazer família, né? (...) aí forma colônia grande nessa Indonésia, Singapura, todo... é assim.” (Joseph Chung Chien Liao, China, chegada: 1956. Livro 86, p. 14)

“Mudamos para o Brasil, bem... porque depois veio muita miséria lá, sabe? Depois da guerra de 1914, quando acabou a guerra, né? Então mudou tudo, sabe? Lá a terra não dava produto como dava antes. E foi isso. Então depois pediram que vem pra Brasil e que nós estava sendo enganado, viu? Porque falaram que iam dar terra aqui pra nós aqui no Brasil.” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 04)

“(…) nós se dava muito bem com os egípcios, com os árabes, eu era amigo dos israelitas de lá, amigos meus que estudavam comigo, dos árabes, dos pretinhos pessoalmente (...).

Tudo, tudo vivia bem, enquanto não chegava esse (...) problema do Canal de Suez, aquela guerra interna no centro da cidade, bombardeamento geral, então meu pai estava apavorado. Eu morava num apartamento no quarto andar, você não sabia se os israelitas, os judeus jogavam uma bomba no centro do Cairo, quantas bombas jogaram. (...) então meu pai resolveu falar: ‘Filhos vamos arrumar o que tem e o que não tem, vamos embora daqui.’ (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 04 e 06)

## **Chegada / estranhamento**

“Bom, aquela impressão de exótico, né? É tudo diferente, chovia à beça, fazia um calor, aquele bafo de Santos, e o pessoal também era estranho, naturalmente. O que impressionou foi em São Paulo ver a estrada de ferro, que era bonita, sabe? (...).” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 05)

“(...) Quando nós chegamos aqui em São Paulo, aquele tempo faltou gente pra trabalhar. Então os industriais daqui eles foram lá, pedir pra gente ficar, né? Nós fomos essa ilusão – falaram pros nossos pais que ganha terra lá no interior, então ninguém quis ficar, porque todo mundo, como trabalhava a terra, né? E a terra aqui é boa, tem tudo quanto é fruta, café, essas coisas, então ninguém quis ficar, todo mundo queria ir no interior. Mas também quando chegamos lá, viu?.” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 07)

“Fomos direto pra essa fazenda, Canaã. (...) Mas quando chegamos lá, filha! Sabe onde nós dormimos três noites? Na cocheira! (...) O homem que foi junto falou pra ter paciência que vamos ganhar casa e tudo, né? Mas foi uma choradeira, dona! Uma tristeza! Se não tivesse alto-mar acho que todo mundo voltava a pé pra casa. Uma choradeira que Deus me livre, viu? Foi triste, viu? (...).” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

“Não. A gente não fica porque a gente não sabe pra onde é que vai, né? Porque conforme ia toda a família, a gente se conformava mais. Mas nós sofremos muito no navio.” (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 03)

“Arroz, feijão, carne e banana. Arroz, feijão, carne e..., ah! e um pãozinho, você está entendendo? Então eu peguei meu pai e falei: ‘Pai, que quero saber aonde você me trouxe?’, e ele falou: ‘Filho, você quer saber de uma coisa? É melhor isso, do que um dia morrer embaixo de bomba onde nós estamos’, aí eu me acalmei. Você se ponha no meu lugar, eu tinha tudo do bom e do melhor, não vivia às mil maravilhas, mas a gente tinha tudo o que tinha, (...) você chega aqui (...), você não recebe um impacto (...)? É um choque, é um choque grande.” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 14)

“Meu relacionamento foi fácil porque todos eles sempre aguardavam gente nova que vem para saber notícias de seus parentes, e assim com esses conhecimentos de muitas pessoas, era um

alívio aquela ânsia de imigração, que a gente sente quando moço e longe de seus pais.” (Alexandre Issa Maluf, Líbano, chegada: 1920. Livro, 25, p. 05)

E nós então com muita esperança, com muita alegria, nós tínhamos no bolso o endereço de uma fazenda onde o nosso amigo nos esperava aqui, amigo do papai, (...) se escreviam desde a Lituânia e dizia – João, vai lá, vai que estou te esperando. (...) Agora, o que me chamou muito a atenção, uma coisa pitoresca, (...) quando trouxeram uma bandeja de cafezinhos, xicrinhas pequenas, nunca tinha visto... Pensamos – estão brincando com nós aqui... com essas xicrinhas pequenas só crianças que brincam. Nós achamos assim... esquisito, nunca tinha visto, cafezinho numa xicrinha pequena, nós não conhecíamos isso. E acho que ninguém tomou café, porque é amargo... não gostamos de café.” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927)

**Trechos do diário escrito por Ivan Dragojevic que narra a viagem da família para o Brasil e que foi traduzido por sua filha Maria Dragojevic Jorge.**

“Partindo do Veleluka para o Brasil

No tempo de mil e novecentos  
mas vinte e cinco anos certo  
dia quinze do mês de abril  
triste dia temos que partir

vou procurar uma nova vida  
deixo Velaluca a cidade linda  
os que foram saíram chorando  
os que ficaram ficaram rezando

partindo da pátria querida  
todos coração tristeza da vida  
parte os nossos querido irmão  
deixando a sua nação

levo saudade lembrança fica  
fomos direto para a cidade Split  
só três horas o navio andou  
no porto de Split o navio chegou

vou embora para longe daqui  
para encontrar outra vida feliz  
vida que já era dura  
vamos partir pra outra luta”

eu digo a verdade pra todo  
o navio balança muito  
as criança sempre perguntava  
porque o navio assim balançava

prometeram fazer uma mudança  
levar mulher com as suas crianças  
para longe na terra brasileira  
nova pátria de boa maneira

(...) o prefeito e o catequista  
acompanharam nós até Split  
logo chegamos  
uma comissão já se encontrava

(...) lenços brancos todos abanavam  
e das torres sinos tocavam  
triste foi aquela despedida  
o dia que deixei uma pátria querida

tudo em ordem já preparado  
por 3 dias de hotel reservado  
trataram nós como devia  
não temos queixa nenhuma família

vacinas foram aplicada  
para todos porque precisava  
a consulta também foi feita  
para livrar de qualquer doença

(...) sou médico cumpri meu dever  
se despedimos para agradecer  
passaporte já nos entregaram  
tanto tempo estamos esperando

recebemos com tanta coragem  
para seguir a longa viagem  
promessas também foram feitas  
se lembremos da santa de Vicenza

(...) está chegando o dia e a hora  
muito longe vamos embora  
vinte e três de abril neste dia  
dia quando vimos o nome de Sofia

o Sofia gigante navio  
levará nós pra outro destino  
nem sabemos pra onde nós ía  
fomos enfrentar com nossa família

(...) última vez que eu te vejo  
este foi meu desespero  
levaremos tanta esperança  
aqui fica toda a lembrança

(...) e agora não adianta falar  
vida nova temos que enfrentar  
passa o dia e vem a noite  
cada dia estamos mais longe

(...) trata nós com muito carinho  
e parecem que são bom amigo  
o navio é uma maravilha  
tem bom vinho e boa comida

até temos toda a liberdade  
cada um fica a vontade  
algum gostava de jogar carta  
outro ria contava piada

(...) cento e cinquenta embarcou passageiros  
fazer viagem para estrangeiros

todos italianos de boa aparência  
fomos junto para a América

(...) um dia bem de madrugada  
quando vimos terra abençoada  
todos viram com muita alegria  
aqui a nossa nova moradia

cada um lembrou que veio de longe  
vamos esquecer e se fazer forte  
nós viemos para produzir  
para aumentar o grande Brasil

no meio do dia 15 de maio  
a Sofia chegava em Santos  
no mesmo dia antes de a noite chegar  
a Sofia já estava para encostar

(...) na mesma noite médico chegou  
um por um todos consultou  
ele dizia com muita alegria  
achou todos fortes como se devia (...)"

## **Módulo 5: O encaminhamento para o campo**

### **Necessidade de mão de obra e política imigratória**

O Estado de São Paulo recebeu, entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, o maior contingente de imigrantes desembarcados no Brasil. Mesmo após experiências um tanto frustradas de implementação de mão de obra estrangeira na agricultura feitas anteriormente à abolição, o imigrante foi considerado a solução mais rápida e eficaz para o problema da escassez de mão de obra.

Muitos trabalhadores estrangeiros, principalmente da agricultura, eram motivados por uma intensa propaganda feita em seus países de origem, que lhes prometia terras e novas oportunidades na América, e pela política de incentivo colocada em prática pelo governo federal brasileiro. De acordo com tal política, aqueles que decidiam migrar para o Brasil tinham seu transporte de navio subsidiado, quando necessário, pelo Estado ou por particulares.

O Serviço de Chamada de Imigrantes começou a vigorar em 1906 e marcou o encerramento do regime de subvenção às companhias de navegação e aos armadores, em vigor desde 1900. O serviço funcionava por meio da emissão dos chamados Bilhetes de Chamada, que deveriam ser trocados por passagens nas companhias de navegação, por emigrantes que partissem exclusivamente de portos europeus. Esses Bilhetes eram emitidos mediante pedido feito à Agência Oficial de Colonização e Trabalho por proprietários agrícolas estabelecidos no Estado de São Paulo ou por colonos residentes em núcleos coloniais situados no Estado que tivessem pagado, pelo menos, a primeira prestação de seus lotes de terra. A Agência incumbia-se de encaminhar os pedidos à Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que então entrava em contato com as companhias de navegação conveniadas, solicitando a expedição do Bilhete de Chamada por conta do Estado.

Era comum que os imigrantes aqui estabelecidos apresentassem pedidos para requisitar a vinda da família, parentes ou amigos, a fim de que estes se dirigissem para a mesma fazenda onde se encontravam colocados. Nesse caso, comprometiam-se a pagar as despesas da viagem.

Em 10 de abril de 1907, com a aprovação do Decreto n. 1458, que regulamentava a imigração e a colonização no Estado de São Paulo, foi estabelecido, entre outras medidas, que os imigrantes que viessem por conta do Estado fossem constituídos, obrigatoriamente, em famílias com pelo menos três pessoas entre 12 e 45 anos de idade e que estivessem aptas ao trabalho.

Vale lembrar que a política de introdução de imigrantes implementada pelo governo passou, ao longo de sua existência, por uma série de regulamentações e normatizações, motivadas pelas transformações sociais e econômicas ocorridas ao longo do século XX, que provocaram constantes alterações em seu teor.

### **Trabalhadores Nacionais**

Durante a primeira metade do século XX, o fenômeno das migrações internas ganha intensidade. Entre 1935 e 1959, segundo dados da Secretaria de Agricultura, mais de dois milhões de nordestinos migram para São Paulo. Mesmo sem a aura de positividade que cercou o migrante europeu, os nacionais eram tidos como agentes que contribuíam para manter a velocidade da locomotiva paulista.

A partir das cidades mineiras de Pirapora e Montes Claros, esses trabalhadores tinham suas passagens pagas até a cidade de São Paulo pelo governo paulista. A permanência na Hospedaria de Imigrantes da capital não acarretava para esses migrantes nenhum ônus, bem como seu transporte para as fazendas do interior do Estado. As formas de recepção, triagem e encaminhamento dos migrantes nas dependências da Hospedaria de Imigrantes eram as mesmas utilizadas para os trabalhadores estrangeiros.

A entrada de trabalhadores oriundos do Nordeste e de outros Estados brasileiros em São Paulo respondia às necessidades de mão de obra nas fazendas de café e algodão do interior do Estado num contexto de redução da imigração europeia.

### **Cafeicultura e transformações sociais, políticas, culturais e ambientais.**

As representações sobre a imigração estão bastante associadas ao ambiente rural. Não apenas em São Paulo, mas no Brasil de maneira geral, a inserção de imigrantes teve como objetivos a colonização de terras ou a substituição da mão de obra escrava. A presença dos imigrantes no

campo revela, além de transformações sociais e culturais, um conjunto de ocorridas no meio ambiente, com a expansão da cafeicultura, a construção de uma nova paisagem, com novas cidades, vilarejos, fazendas, núcleos coloniais, escolas e implantação de linhas férreas.

A imigração para o Estado de São Paulo foi consequência direta do processo, iniciado em meados do século XIX, de substituição dos escravos por mão de obra livre nas grandes plantações de café. Este processo foi acelerado por volta de 1850, devido ao aumento das restrições ao comércio de escravos. A eliminação do trabalho escravo e o crescimento da importância do café para a economia brasileira criaram as condições adequadas para iniciativas, tanto públicas quanto privadas, de introdução do trabalho imigrante.

O desenvolvimento da cafeicultura e as necessidades dela decorrentes transformaram o panorama geográfico, paisagístico, cultural e demográfico do Estado de São Paulo. As ferrovias passaram a integrar as regiões que antes eram isoladas; grandes áreas do Estado foram devastadas para dar espaço às plantações de café; vários grupos tradicionais, como tribos indígenas e comunidades negras, foram expulsos de seus habitats; comunidades de imigrantes ocuparam a paisagem e impuseram seus hábitos e costumes.

Em pouco mais de 70 anos, o Estado de São Paulo – sua capital e interior – passou por transformações que alteraram radicalmente sua paisagem social, econômica, cultural e política.

### **Colônias e Núcleos Coloniais**

O processo de independência, em 1822, dinamizou as iniciativas para a fixação de estrangeiros no Brasil. Entre 1823 e 1830 houve a edição de 25 Decisões, Portarias, Decretos e Leis que regulavam ou davam instruções sobre a entrada e fixação de não-nacionais em solo pátrio. Durante a primeira metade do século XIX, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram as regiões que mais receberam atenção do Estado no tocante à fixação de estrangeiros.

A política de implantação de núcleos coloniais, pensada para resolver a necessidade dos grandes proprietários relativa à substituição da mão de obra escrava, colonizar terras mais longínquas, diminuir o problema da falta de alimentos de primeira necessidade e melhorar o tratamento dispensado no Brasil aos imigrantes, desenvolveu-se de forma gradual durante o último decênio



do Império no estado de São Paulo, submetendo-se a variações no decorrer do tempo conforme os períodos políticos vigentes.

Ir para um núcleo colonial era uma possibilidade para o imigrante recém chegado a São Paulo. Uma vez recepcionados na Hospedaria dos Imigrantes, eles podiam escolher a qual núcleo seriam destinados e, geralmente, preenchiam um requerimento para a aquisição de um lote de terra. Da mesma forma, podiam requerer passagem gratuita para família, auxílio para comprar telhas ou animais, extensão de prazo para pagamento do lote, etc.

No caso da cidade de São Paulo, em 1827 é fundado o Núcleo Colonial de Santo Amaro, com imigrantes oriundos do que futuramente seria a Alemanha. Com a expansão da cidade, esse núcleo foi incorporado ao seu território e hoje é conhecido bairro da capital. O mesmo ocorreu com os Núcleos Coloniais de Santana, São Caetano e São Bernardo, todos fundados em 1877. O Núcleo Colonial de Ribeirão Pires data de 1887. A política de fundação de Núcleos Coloniais e Áreas de Colonização no Estado de São Paulo produziu ao todo 37 Núcleos e Áreas de Colonização entre 1829 e 1933. Além dos Núcleos Coloniais, houve várias iniciativas de empresas privadas que também tiveram origem na criação de Colônias. Estas empresas lotearam áreas em várias regiões do Estado e vendiam pequenos lotes aos imigrantes. Destas iniciativas surgiram Colônias como Varpa, Holambra, Registro, e muitas outras. Diferentemente dos Núcleos Coloniais, as Colônias – oriundas da iniciativa privada – não tiveram como objetivo criar um reservatório de mão de obra para a cafeicultura; a grande oferta de terras a preços baixos fazia com que muitos grupos investissem na especulação fundiária. Dentre essas iniciativas privadas, o caso do Senador Vergueiro (Fazenda Ibicaba), na década de 1840, é o mais conhecido.

Em ambos os casos, tanto os Núcleos Coloniais como as Colônias eram uma alternativa para que tanto imigrantes quanto migrantes pudessem adquirir uma propriedade e reproduzir um modo de vida camponês que não fosse completamente atrelado aos interesses dos cafeicultores.

Havia ainda outra forma de Colônia – os aglomerados de pequenas casas dentro das fazendas. Estas faziam parte do complexo de produção do café e seus residentes eram trabalhadores cujas atividades eram direcionadas para as necessidades da cafeicultura. Em alguns casos, havia espaços para que os trabalhadores pudessem também plantar gêneros alimentícios para o consumo familiar.

## O termo “imigrante”

O termo “imigrante” foi incorporado ao título dos documentos que autorizavam a fixação de estrangeiros no Brasil apenas em 1829. Na fala do Imperador de 03 de maio, que abriu os trabalhos da Assembleia Geral daquele ano, encontramos: “salientando a necessidade de auxiliar no desenvolvimento da agricultura do país, através do incentivo à imigração, da criação de uma lei de naturalização e de um regulamento para a distribuição das terras incultas”. Até então, os elementos não nascidos na colônia ou em Portugal eram nominados a partir de suas regiões de origem – açorianos, suíços – como estrangeiros ou colonos.

A palavra “imigrante”, a partir de então, consolida num único termo a condição de nascimento dos sujeitos (e consequentemente a noção de estrangeiro) e a razão de sua incorporação na comunidade nacional como colonos (ocupantes de terras) ou trabalhadores. Até nossos dias, o termo imigrante define, embora de forma não muito precisa, uma relação complexa do estrangeiro com a comunidade nacional na medida em que a noção de imigrante leva em consideração prioritariamente a dimensão *indivíduo estrangeiro-trabalho* e coloca num plano secundário a dimensão *sujeito-cidadão*, portador de direitos (políticos) e necessidades (sociais e culturais).

Inserir glossário com termos MIGRANTE, IMIGRANTE, EMIGRANTE...

**Grande vitrine:** Nessa vitrine, será possível observar objetos que fazem parte do acervo do Museu, divididos em três eixos que influenciaram e foram influenciados pelos imigrantes que vieram para o Brasil.

## TRABALHO

Entre os anos de 1900 e 1918, o Estado de São Paulo produzia mais da metade de todo o café consumido no mundo. Para garantir essa produção, era preciso plantar cada vez mais pés de café, e para isso eram necessários cada vez mais trabalhadores. Assim, milhões de imigrantes foram atraídos para trabalhar no Brasil, e eram eles, ao lado dos trabalhadores nacionais, que plantavam, colhiam, beneficiavam, ensacavam e carregavam os navios com as sacas de café.

O trabalho era realizado por toda a família: trabalhavam os homens, as mulheres e as crianças. A vida na nova terra não era fácil. O trabalho era pesado e muitas vezes mal remunerado. Frequentemente surgiam reclamações de maus-tratos e abusos cometidos pelos donos da terra, ainda acostumados com a lógica escravista.

Nem todos os imigrantes que vieram para o Estado de São Paulo eram agricultores. A real intenção da maioria deles era permanecer nas cidades. No entanto, por determinação da política imigratória, foram obrigados a seguir para o campo, para as fazendas de café, para as colônias ou para os núcleos coloniais. No final do século XIX, com o declínio da produção cafeeira, intensificou-se a pecuária de corte e de leite, a avicultura e a fruticultura.

Nas cidades os imigrantes dedicaram-se às mais variadas atividades. Contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento e a diversificação do comércio (gêneros alimentícios, lojas de armarinho e tecidos, ferragens, funilaria, calçados etc), introduziram novos serviços, incrementaram as artes e investiram no desenvolvimento industrial. Não havia atividade no Estado de São Paulo aonde aqueles homens vindos das mais diversas partes do mundo não estivessem presentes.

Na vitrine, estão presentes objetos que simbolizam os diversos tipos de trabalho realizados pelos imigrantes que aqui chegaram.

## **ALIMENTAÇÃO**

Logo que chegaram ao Brasil, os imigrantes se depararam com um novo mundo, e um modo de vida completamente diferente. Isso incluiu também a alimentação, que teve que ser adaptada aos hábitos alimentares e ao paladar de cada grupo étnico que aqui chegava. No início do século passado, muitos imigrantes trabalhavam no campo e tiravam daí o seu sustento: não havia muita variedade de alimentos e, para preparar os pratos típicos de seu país de origem, as famílias substituíam os ingredientes com aqueles que estavam disponíveis.

Os animais mais fáceis de serem criados eram porcos e frangos e, por isso, constituíam, junto com o bacalhau seco encontrado nas vendas, a base proteica da alimentação desses trabalhadores. Comia-se muito aipim, batata doce, feijão, abóbora, banana e laranja. Por outro lado, os

imigrantes também influenciaram a alimentação dos brasileiros e trouxeram para cá várias novidades, que passaram a fazer parte do cotidiano de quem aqui vivia: os pratos ficaram mais coloridos, mais saborosos e mais nutritivos também.

Os utensílios de cozinha aqui expostos nos trazem a dimensão desse aspecto alimentar, essencial para suprir nossas necessidades vitais e nossas necessidades simbólicas de compartilhamento, festividade, comunidade e sacramento.

## **LAZER**

O lazer, tempo liberado do tempo do trabalho e cuja utilização é voltada para descanso e divertimento, é faceta fundamental na vida cotidiana dos diferentes grupos sociais. Esse tempo possibilita conhecer, participar, aprender e imbuir-se de saberes, aproximando e diminuindo distâncias culturais entre um meio social e outro. O modo como cada sociedade escolhe usar seu tempo de lazer é específico e diz muito sobre ela. Aqui, observamos exemplares de instrumentos musicais e rádios, utilizados pelos imigrantes em seus momentos de lazer.

**Depoimentos (separados por temas) – selecionar alguns para monitores da vitrine**

## **TRABALHO**

### **Trabalho nas fazendas de café**

“Bom, a questão era a nossa aptidão física, não era adequada para trabalhar no café. Esse trabalho era diferente, usávamos a mão, e não tínhamos a capacidade de trabalho como os caipiras. Os colonos emigrantes, (...), eles tinham uma gleba de mais ou menos mil pés de café para trabalhar, não é? Eles faziam mil pés de café durante uma semana, tiraram a sujeira de baixo do pé. Eu não fazia nem 3 pés de café... aliás os pés de café estavam cheios de ninhos de vespa, que a gente batia com a enxada, zzzzz... e tudo aquilo vinha pra cabeça da gente. Jararaca também não faltava. Bom, era uma vida de aventureiro (...).” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 08)

### **Casos de fugas das fazendas de café**

“Tinham italianos. Tinha uma vizinha nossa, era italiana (...). É, tinha japonesa, uma família japonesa. Então, e depois nós fomos apanhar café e muita gente fugiu, foi embora.” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

“Então, e você sabe que eles não dava um tostão! Só davam no fim de semana, no fim de semana eles davam um mantimento, mas dinheiro não dava um tostão pra ninguém. Então, e muitas famílias já tinham fugido, né? Então eles puseram guarda, mas não podia sair de jeito nenhum, até que não completasse a colheita do café. Depois de seis meses, quando completou a..., quando terminou, aí fomos embora, né? E até São Simão, da fazenda (...) eles não deram nada. Nem carroça, nem... Nada, nada, nada! Todo mundo levava aqueles baita daqueles baú, aquelas coisas! Tudo a pé! É!” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

### **Dinâmica de trabalho no cafezal**

“4 horas da manhã... porque às 6 horas todo mundo tinha que estar no cafezal com a marmita pronta, né? Então tocava, parece que às 4 horas tocava o sino, então preparava a família... porque todo mundo ia para a roça, né? Não tinha essa de ser mulher ou homem, todo mundo ia para a roça... para os pés de café. Então, às 4 horas a mulher preparava o almoço e quando eram 5 horas tocavam corneta que era para o pessoal ir saindo para o cafezal. (...)” (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 07)

### **Dinâmica do trabalho familiar**

“(...) Aí ficamos muito contentes, imagine... E eles já sabiam um pouquinho de português e nós nada, que era muito difícil... chegar uma pessoa, não entender nada... Era muito difícil. (...) Meu pai ficou muito contente, porque estávamos trabalhando todos juntos, com os filhos juntos, mulher... filhos... todos juntos. Porque lá na Lituânia um trabalhava longe do outro... e era muito sofrimento. Aqui não, aqui é clima bom... e nós logo nos acostumamos. Os lituanos logo inventaram de... fizeram fornos no quintal, construíram... compravam farinhas... iam em Mococa buscar as coisas... mantimentos... tudo (...)” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 09)

### **Trabalho no cafezal: ferramentas**

“A gente levantava. Aí então pegava as ferramentas, enxada... um levava enxada. (...) Então nós íamos em três trabalhar, meu irmão, eu e meu pai. Pegava a enxada, botava no ombro e andava bastante... bastante... tinha que subir um pouquinho... tudo... porque os cafezais não ficavam aqui perto... ficavam sempre mais distantes. Vamos dizer, andava um quilômetro... assim... cantando... lituanos cantavam sempre. (...) Já tinham destinado para nós... chamavam lotes de milhares de pés de café, então esse lote era pra você trabalhar. Então capinava o capim, capinava para... enfim... tratar lá, ensinaram, tudo... O serviço era pesado, como era para mim... que nunca tinha trabalhado na terra assim. E trabalhava. Aí quando chegava lá para 10:00... 11:00 horas, mamãe trazia o almoço.” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 10)

“(...) Quando começava a clarear já tinha que sair porque demorava muito no caminho. (...) Tinha uns barrilzinhos... levava água, porque lá não encontrava água no cafezal... tinha que levar água sempre, muito calor, mosquitos. Muita gente dizia – não, porque tem muita cobra... não sei o que... tem bicho de pé..., e não... eu vi algumas cobras (...). Do bicho de pé... nós não sabíamos nem o que era isso... Mas tinha gente que sofria com isso. Mosquito tudo. (...) Aí voltava à tardinha, quando começava... ao escurecer para jantar em casa. Então, isso todo dia.

Agora, aos sábados, era o dia mais alegre. Sábado então... vinham mais cedo, todos voltavam do trabalho mais cedo. Era aquele banho... aquela coisa... Os lituanos tinham cercados para plantar verdura... e faziam, (...) lá não tinha banheiros... tinha que preparar o banheiro fora. Então, os lituanos preparavam os banheiros (...), aqueles banheiros para tomar o banho... porque meu Deus do céu, o calor, tudo... então tinha aqueles chuveiros que os lituanos preparavam.

Bom... fazia de lata, faziam de balde... faziam de bacia, de tudo jeito... (...) banheiro com sacos... tudo improvisado. Então depois de tudo arrumado, perfumado tudo... aí juntavam-se as famílias conhecidas... todos no terreiro, e um trazia sanfona... outro cantando... outro tomava seus goles de pinguiha... outro isso... e cantavam muito, os lituanos cantavam sempre.”

### **ALIMENTAÇÃO**

“Até mamãe contava uma coisa muito engraçada, que era tudo pãozinho, né? Elas não queriam pãozinho, porque lá na terra dela era aqueles pãozão, sabe? (...) Então disse que elas começaram a

dizer pro homem, que então eles comessem a emendar um pãozinho no outro (...). Aí quando chegaram no dia seguinte, ele fez um pão tão comprido, que precisava de duas pessoas pra carregar, alto e comprido. Disse que o pessoal quando, viram eles passando na rua, minha mãe falou: nós, eu e mais uma senhora estávamos carregando o pão, uma numa ponta e outra (...).” (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 07)

“(...) Disse que aquelas pessoas na rua estavam sempre lá, acostumado a sentar na rua, aquelas senhoras, ralando mandioca, mamãe falava que ficava tudo olhando assim e as crianças fugiam delas, porque elas vinham com aqueles lenço na cabeça, pensavam que eles eram ciganos. Então as crianças fugiam, porque cigano rouba criança (...).” (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 07)

### **Novos hábitos alimentares**

“(...) Então como não tinha mistura, não podia comprar essas coisas... então a gente ia para a roça e os nativos que ensinavam, a única coisa que japonês sabia que dava no mato e podia comer era mostarda... Os nativos foram ensinando, comer semente de picão, comer caruru, berduenga, então os nativos foram ensinando... .” (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 09)

### **Implantação de novas culturas alimentares pelos imigrantes**

“A família recebia... como é que eu vou dizer? Um determinado espaço de terreno de café para tratar, para carpir, e recebia um salário sobre aquilo lá. Depois no segundo ano, eles já deram um pedacinho de terreninho para cada um fazer sua plantação. (...) mas meu pai... aliás, a maioria dos imigrantes japoneses não queriam ser empregados, né? (...) então logo que podiam eles arrendavam uma terra, ou faziam outra coisa e saiam da fazenda. Porque na fazenda também era uma escravidão, né? (...) então meu pai logo que pôde começou a estudar – o que dá dinheiro logo, porque não tenho dinheiro nenhum -, disseram que plantando rabanete, que em 30 dias dava, alface em 60 dias. Então, arrendamos uma terra, no que hoje é o bairro do Matão, é uma cidade, mas naquele tempo era capoeira... aí ele limpou e plantou rabanete, aí depois carregava na cesta e vendia na cidade. (...) E aí quando puderam, começaram a plantar tomate, o piracicabano não conhecia tomate. Depois que os filhos de italianos, os italianos começaram a plantar tomate... que eles conheciam, mas os nativos daqui não conheciam o tomate.” (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 10)

## **LAZER**

### **Festa e sociabilidade nas fazendas**

“E a noite dançavam... Precisava ver como os lituanos dançavam. Então tinha uma regra, que os brasileiros não podiam dançar junto. Porque as moças lituanas, loiras, bonita ser... e os brasileiros... sabe... não combinava... podia dar uma coisa que... não podia se misturar. (...) era uma ordem do administrador (...).” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 11)



## **Módulo 6: São Paulo, cidade cosmopolita**

**Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani**

O surgimento das cidades pode ser considerado um fenômeno relativamente recente se levarmos em conta a escala de tempo usada para datar o aparecimento da espécie humana, de suas migrações e das formas primeiras de assentamento – abrigos, acampamentos e aldeias: as primeiras cidades surgiram há 5.500 anos, na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates – onde hoje é o Iraque – nos vales do rio Indo e do rio Nilo, no Egito. De lá prá cá, as cidades se desenvolveram enormemente, tanto em tamanho e número de habitantes quanto em importância econômica e militar.

São Paulo sentiu os efeitos deste processo. Se até 1870 era uma “cidadezinha”, com não mais do que 24.000 habitantes, com a expansão da lavoura cafeeira para exportação e, em seguida, com a industrialização esse cenário se transformou. Em ambos os casos, a presença de amplos contingentes populacionais de fora, tanto do exterior como de outras regiões do país, foi determinante, pois com esses aportes a cidade cresceu de forma rápida, exponencial. Entretanto, não foi apenas uma expansão demográfica, econômica ou territorial: ela assumiu ares de metrópole, de feição cosmopolita. Nas palavras do antropólogo Ulf Hannerz: “...um cosmopolitismo genuíno é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades” (1996, p.103). Uma cidade cosmopolita, além de acolher a população que vem de fora e vai constituir a principal fonte de mão-de-obra para seu sistema produtivo, caracteriza-se também pela abertura às suas diferentes tradições e costumes e pela capacidade de incorporar e amalgamar as contribuições específicas de cada contingente. Trata-se de um processo que terá reflexos na vida familiar e doméstica de seus habitantes, nas instituições políticas, na religiosidade, nas estratégias de lidar com a saúde, em formas de sociabilidade e entretenimento, na oferta de novos ofícios e técnicas construtivas, nas expressões artísticas etc.

Atributo resultante de um conjunto mais complexo de fatores – demográficos, políticos, culturais – do que um efeito direto das suas dimensões ou do papel que ocupa na economia mundial, esse cosmopolitismo genuíno encontra na cidade de São Paulo uma de suas principais representantes.

Não se trata de encontros – nos espaços públicos, no centro da cidade, no ambiente de trabalho, nas festas e celebrações – apenas para apreciar as mútuas diferenças, mas para interagir. O resultado é uma variedade de modos de vida que exibem (e combinam) essas particularidades e traços distintivos: de uns, a culinária e, de outros, a habilidade em determinado ofício; destes o sotaque, daqueles, algumas crenças; de todos e de cada um, a especialidade em algum campo especial, seja na arte – música, literatura, artes plásticas –, no esporte etc. É desta maneira que se constitui e se consolida o *ethos* cosmopolita da cidade.

Diferentemente de uma visão muito em voga sobre São Paulo – marcada pela violência, problemas sociais, trânsito caótico etc. – pode-se também apreciá-la a partir de outro ângulo: trata-se de uma “cidade global”, inserida num circuito mais amplo, mundial, por onde circulam pessoas, mercadorias, recursos, onde se oferecem serviços de ponta e testam-se inovações, ocorrem eventos internacionais e que, por isso mesmo, oferece a seus moradores e visitantes uma das faces de seu cosmopolitismo: é uma cidade de oportunidades e trocas. Trocas, no mais amplo sentido: de objetos, mercadorias e serviços, sim, mas também e principalmente de símbolos, valores, experiências, histórias.

### **Depoimentos (dispersos do módulo 6B ou no programa educativo)**

#### **A cidade: os bairros**

“A cidade naquela época tinha um núcleo que era o Triângulo – a rua São Bento, a rua Quinze e a rua Direita, aquilo era só, né? Às 5 horas as famílias (...) vinham na rua Direita para fazer ‘footing’ - andavam pra lá, pra cá, e os rapazes (...) tirando linhas... E na rua São Bento tinha uma famosa confeitaria... (...) Nos domingos à tarde era a matinê do cinema.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 11).

“Ah, naquele tempo que nós moramos no Brás? Ah, aquilo era divertido porque ali era tudo unido, a gente ficava de noite na rua, aquelas farras que eles faziam, não? Aquelas batucadas, mas não

era batucada assim que nem agora, né? Negócio espanhol, porque tem muito espanhol lá no Brás, né? Então era isso... Também tinha a festa da Catalunha, e ficava até de manhã cedo.” (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 11)

“Ah, o Brás... O Brás era naquele tempo, quando criava a minha filha... então podia fazer cirandinha no meio da rua Casimiro de Abreu... as crianças brincavam... A gente levava as cadeiras na calçada, sentava lá... comia amendoim, brincava com os filhos, conversava... Porque não tinha rádio, não tinha televisão... não tinha nada, então aquele papo, aquela coisa, tudo calmo, sossegado... tudo muito parado, tudo vazio, muito calmo... era uma época... .” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 20)

“(...) E a São Caetano em particular, nós temos um bairro que é hoje conhecido como até cidade. Gerte é um bairro de maior comércio, de maior desenvolvimento, que é o bairro de Nova Gerte, antiga Vila Gerte, ela praticamente foi fundada, urbanizada, pelo migrante nordestino. Que aqui chegava, comprava a sua pequena área de terra em rua de terra, com água de poço, construía a sua casinha e ali passava a morar e trabalhar (...).” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 26)

#### **A cidade: lazer**

“(...) tinha o Roma, e o Santo Antonio do lado, ia muito, mas eu gostava do Roma porque era mais amplo, mais bonito, e passava só filme italiano, eu ia no cinema de segunda a segunda.” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 19)

“Ia a pé. Eu ia a pé. Eu atravessava aquela rua Borges de Figueiredo, pegava a Presidente Wilson, depois eu atravessava aquele rio que tinha uma ponte, ali tinha uma ponte de madeira assim, né? Como fala, uma pinguela, eu atravessava ali e depois íamos a pé no Museu (...).” (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 13)

#### **A cidade: miscelânea de culturas**

“Vem! Inclusive também japonês, chinês e brasileiro vem. Quem conhece aqui vem pra cá. Agora, este restaurante não (...) fica numa avenida. (...) mas todo mundo vem aqui. É procurado!” (Choong Hyun Cho, Seul-Coreia, chegada: 1963. Livro 10, p. 05)

“(…) É um coisa curiosa, os nossos vizinhos, todos eles eram estrangeiros. Até meu pai comentava que nós tínhamos saído da Europa, por causa dos alemães e dos russos, entretanto, o vizinho da direita era uma família de descendentes de alemães, o da esquerda era uma família que era uma russa casada com um alemão. Os da frente eram alemães. Nós nunca tivemos nenhum problema com vizinhos. O pessoal em volta, inclusive, falava alemão entre si (…).” (Witold Zmitrowicz, Polônia, chegada: 1947. Livro 165, p. 07)

“(…) Lembro que o meu pai sempre falava: não falar pra ninguém que vocês são alemão na rua, que é muito perigoso! (...) Lembro que uma vez na Praça da Sé, (...) mataram um japonês de tanto bater nele (...). Foi uma coisa horrível, viu? Aquela gente massacrando os italianos, todo mundo que tem ver as pessoas que estavam aqui, com a guerra lá, daquele país?” (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 13)

#### **A cidade: inserção no mundo do trabalho**

“Ah! (...) eu foi pra... ajudar um amigo, numa firma de vender as coisas chinesas, né? Pra iniciar pegar um emprego porque eu perdi tudo e tem uma família de quatro pessoas, tem que viver, né? Eu não trouxe dinheiro, não fala nenhuma palavra português, aí pega qualquer emprego, ajuda a um amigo na firma dele vender coisas...(...) presente ou menos assim, pra começar (...) parece perto de Barão de Itapetininga (...).” (Joseph Chung Chien Liao, China, chegada: 1956. Livro 86, p. 20)

“(…) Até a década de 40 o nordestino que vinha para São Paulo obrigatoriamente tinha que ir para o interior. Só a partir do início de 1950 quando começou o desenvolvimento industrial de São Paulo e, particularmente, do grande ABC, da grande São Paulo, é que começou a crescer o êxodo de nordestino para São Paulo, aí já era liberado os nordestinos virem para os grandes centros e particularmente aqui a capital ou cidades vizinhas (...).” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 25)

“O nordestino, como foi no passado e no início da década de 50, chegava aqui sem documento (...), muitas das vezes ainda com uma simples certidão de nascimento e nada mais. E, consequência disso, era muito difícil a sua colocação nas indústrias que na época se desenvolvia. Porque ele não possuía, digamos assim, preparo funcional. (...) até pela sua própria condição de não ter qualificação profissional lhe restava os serviços mais pesados. E nós moradores de São

Caetano (...), nos sentíamos penalizados com a situação daqueles nordestinos. E foi aí que surgiu a ideia de fundar uma entidade que pudesse dar um certo amparo àqueles nordestinos que aqui chegavam. Sem documento, com dificuldade de emprego, sem escolaridade nenhuma e foi que, após vários encontros desses nordestinos, decidimos pela fundação de uma sociedade (...) que recebeu a denominação de Sociedade Beneficente Brasil Unido.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 25)

### Dados que podem ser inseridos no display do Módulo 6 – em conjunto com a filmagem de São

#### Paulo

370 mil alunos matriculados em mais de 150 instituições de ensino superior  
400 mil pessoas ainda analfabetas

Distrito Sé (zona central) 718 empregos para cada 100 habitantes

Distrito Cidade Tiradentes (zona leste) 10 empregos para cada 100 habitantes

Distrito Itaim Bibi (zona sudoeste) 161 empregos para cada 100 habitantes

Distrito Capão Redondo (zona sul) 13 empregos para cada 100 habitantes

Fonte: Metrô/OD-97 no Mapa da Exclusão e Inclusão Social 2000 \_ Dinâmica dos Anos 90:PUC/SP/Inpe – Polis e IBGE – Censo Demográfico 2000.

“Das 31 subprefeituras da capital paulista, apenas quatro (Sé, Pinheiros, Lapa e Vila Mariana) concentram 50% dos postos de trabalho. Fonte: Martins, Rodrigo. “Metrópole para poucos”. *Carta Capital*, 27 de janeiro de 2010. Ano XV, nº 580.

Moradores em favelas (Estado de S. Paulo) Quase 1,3 milhão de favelados

Moradores em cortiços (Fipe, 1997) 600 mil

Moradores de rua (Fipe, 2009) 13.666 (adultos e crianças)

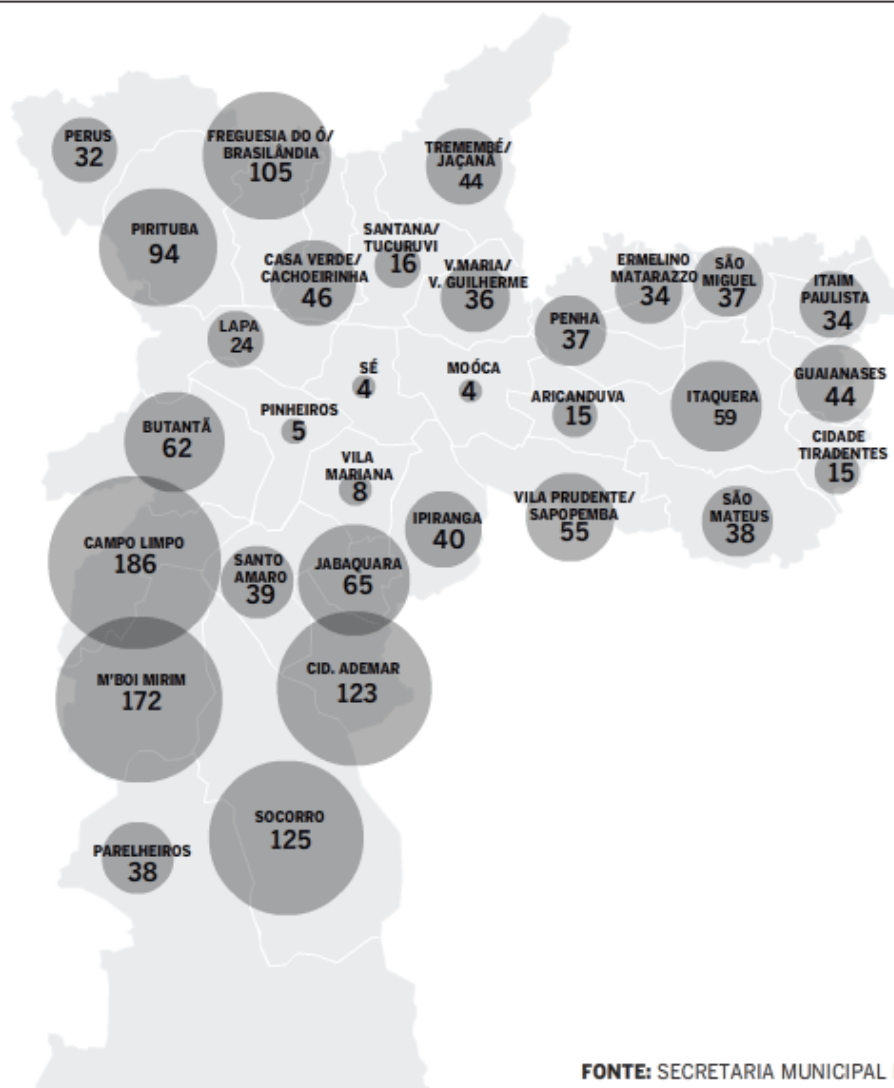
Moradores em loteamentos clandestinos Cerca de 3 milhões

Fonte: *São Paulo - Plano Diretor Estratégico, Cartilha de Formação*, Câmara Municipal de São Paulo, dezembro/2002

---

**MAPA DAS FAVELAS EM SÃO PAULO**


---



São Paulo concentra 12% do PIB brasileiro;

O distrito de Moema, zona sul, possui uma renda per capita média de 5,5 mil reais e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,961, superior ao de países como Suíça, Dinamarca e Estados Unidos;

O distrito Jardim Helena, na zona leste, possui uma renda per capita média de 584 reais e um IDH inferior ao de países como Gabão e Sri Lanka;

Mais de 90% da população paulistana possui condições de vida considerada baixas ou muito baixas. Fonte: Martins, Rodrigo. “Metrópole para poucos”. *Carta Capital*, 27 de janeiro de 2010. Ano XV, nr. 580.

## **SÃO PAULO EM NÚMEROS**

Fonte: Especial. *O Estado de S. Paulo*, H10 e H11. Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

### **POPULAÇÃO**

11.244.365 milhões de habitantes;

A Região Metropolitana abriga cerca de 20 milhões de pessoas;

O município abriga as maiores populações fora dos seus países de origem. São elas: japonesa, espanhola, portuguesa e libanesa;

O Grajaú é o maior distrito da cidade com 444 mil habitantes 1.522 km<sup>2</sup> de área

R\$ 320 bilhões é o PIB da cidade de São Paulo.

### **MERCADO FINANCEIRO**

A Bolsa é a maior da América Latina;

R\$ 5,3 bilhões;

1950 agências entre bancos nacionais e internacionais.

### **ALIMENTAÇÃO**

1 milhão de pizzas por dia ou 720 por minuto produzidas por 6 mil pizzarias que faturam cerca de R\$ 4 bilhões por ano;

12.500 restaurantes na cidade. Eles servem 52 tipos de culinária;

São produzidos aproximadamente 17 mil sushis por hora;

350 toneladas de alimentos são movimentados por dia no mercado municipal.

### **SERVIÇOS PÚBLICOS**

O Metrô transporta 3 milhões de pessoas por dia;

32.766 mil táxis. A 3ª maior frota da América Latina;

300 mil veículos de carga;

15 mil ônibus em operação em todas as regiões;

A cidade tem 205 hospitais;

Em São Paulo ainda existem cerca de 169 mil orelhões;

19 milhões de m<sup>2</sup> em áreas verdes;

A rede de iluminação pública de São Paulo é a maior do mundo 530 mil lâmpadas.

## **PRODUÇÃO**

São Paulo conta com 600 mil empresas. Mais da metade delas com foco em prestação de serviços;

38% setor comercial;

11% setor industrial.

## **CULTURA**

A cidade tem:

160 teatros, 110 museus, 39 centros culturais, 7 casas de show;

A cidade recebe cerca de 12 milhões de turistas por ano.

## **MERCADO IMOBILIÁRIO**

600 prédios são erguidos por ano na capital;

4 imóveis são vendidos por hora em São Paulo.

### **6B: Bom Retiro: um breve histórico (texto base + inserções sobre as fotografias selecionadas)**

A história do Bom Retiro remonta a um passado comum a muitos bairros da região central de São Paulo. Grandes áreas de planície ou de matas tiveram as primeiras ocupações a partir do estabelecimento de chácaras, propriedades privadas isoladas, distantes da pequena mancha urbana que já se expandia a partir da atual Praça da Sé.

Na segunda metade do século XIX, com o crescimento acelerado de São Paulo por conta do café e a consequente expansão da malha ferroviária, foi construída a estrada de ferro Sorocabana. Sua estação inicial, Julio Prestes teve forte influência na dinâmica econômica do bairro e criou um grande potencial de intercâmbio para os setores econômicos dessa localidade. Porém, a Estação da Luz, pertencente a São Paulo Railway, talvez tenha sido a maior responsável pelos caminhos tomados pela história daquela região. Ponto de conexão entre o Porto de Santos e o oeste do Estado, a Estação da Luz ligava o bairro à efervescência da economia cafeeira e facilitava a chegada de novos contingentes de trabalhadores imigrantes, que chegavam ao Porto de Santos e embarcavam nos trens da companhia inglesa rumo a planície. Entre 1882 e 1887 o Bom Retiro era o primeiro destino desses homens e mulheres que atravessavam oceanos em busca de seus sonhos: no bairro funcionou a primeira hospedaria dos imigrantes de São Paulo que logo depois seria transferido para o atual bairro da Mooca. "Bó Ritro" passou a ser uma maneira recorrente dos italianos denominarem o bairro que os acolheu.



Os imigrantes trabalhavam principalmente nas manufaturas nascentes da capital ou montavam seus negócios próprios, caso das inúmeras oficinas de automóvel que surgiam. Nas primeiras décadas do século XX, se juntaram aos imigrantes provenientes da Europa Ocidental os lituanos, poloneses, russos, armênios, gregos... A maior parte desses imigrantes era de origem judaica e as primeiras sinagogas surgiram nesse período.

Apesar de esses primeiros europeus fundarem a presença judaica na região, foi só a partir da década de 50, no contexto do pós-guerra, que os judeus tornaram-se um grupo imigratório fortemente identificado com o bairro. Durante as décadas de 1950 a 1970, a imigração judaica, principalmente de origem eslava e germânica, predominou no bairro do Bom Retiro. Já nos anos 70 e 80, o fluxo imigratório de coreanos passa a chamar a atenção no Bairro. Aos poucos, o setor comercial têxtil que antes era identificado como dos judeus passou a ser gerenciado por esses “novos” imigrantes. É significativa a mudança e a dinâmica trazida por esse grupo ao setor econômico referido e ao próprio bairro, já que as lojas passaram por uma reconfiguração, passando muitas a acompanhar uma tendência estética mais próxima do mercado internacionalizado. Além dessa renovação no setor comercial, os coreanos trouxeram igrejas, restaurantes e escolas, configurando-se como um grupo étnico de grande força no Bairro. A corrente imigratória do Bom Retiro continua, e ao vasto contingente de nacionalidades já concentradas no Bairro juntaram-se os imigrantes de origem latino-americana, principalmente bolivianos.

Acompanhar a história do Bom Retiro, portanto, é observar de perto o desenvolvimento de um espaço urbano conjugado com a chegada, estabelecimento e crescimento dos diversos grupos que chegam a esse local. Desde a chegada dos portugueses e italianos, passando pela forte marca deixada pelos judeus, até a vinda dos coreanos e bolivianos o Bom Retiro se configurou como um bairro representativo do que se considera cosmopolita em São Paulo. Mais do que isso, o Bom Retiro foi e continuará sendo o lugar de encontro de diferentes grupos que por meio de trocas e diversos processos de sociabilidade fazem da dinâmica social o lugar por excelência da invenção e desenvolvimento de novas possibilidades e potencialidades.

## **Módulo 7: A imigração hoje?**

Prof. Dr. José Guilherme Magnani.

Ao longo da história é possível registrar mudanças de ritmo, intensidade, direção e motivações nos processos migratórios. Países que já foram polos de emigração hoje são procurados como ponto de chegada, principalmente por parte de contingentes populacionais oriundos das ex-colônias: é o que ocorre na Inglaterra, França, Itália, Portugal, Espanha – para citar apenas alguns. Outros países, como Estados Unidos e Canadá, tradicionais polos receptores de correntes migratórias provenientes principalmente da Europa, hoje recebem novas e mais novas de latino-americanos.

É sabido que essas transferências de população, tanto atuais como em tempos passados, sempre acarretaram, para seus protagonistas, problemas de adaptação, situações de exploração e rupturas com suas tradições culturais e vínculos familiares. Hoje em dia, porém, tendo em vista as impressionantes cifras que quantificam o volume desses deslocamentos por todo o mundo, tais problemas assumem proporções até então desconhecidas: é o caso, por exemplo, dos campos de refugiados (abrigam 50 milhões de pessoas, segundo dados da Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR), dos “sem documentos” ou imigrantes ilegais, dos retornados, deportados, deslocados – termos que indicam as diferentes formas de vulnerabilidade que afetam milhões de pessoas vivendo fora de seus países ou locais de origem.

Além de acontecimentos traumáticos como guerras, perseguições de ordem política ou religiosa, catástrofes naturais – geralmente invocadas para explicar a origem e, principalmente, o volume dessas migrações – há razões econômicas, decorrentes de mudanças na economia mundial, que explicam novos aspectos das migrações contemporâneas: a flexibilização do capital e a segmentação do mercado de trabalho – separando uma mão de obra mais especializada (e com melhores níveis de remuneração) de outra, destinada a empregos sem maiores exigências de qualificação, por exemplo, redirecionam os fluxos migratórios de forma mais seletiva e setorializada.

No panorama brasileiro, continuamos a receber migrantes de todo o mundo, em outro ritmo, mas também os exportamos. São Paulo, porém, ainda constitui um centro receptor significativo de correntes migratórias internacionais: são provenientes da América Latina, da África e do Extremo

Orienta os novos rostos que, entre outros, testemunham a continuidade de sua vocação como polo de acolhida. Seu parque industrial, sua oferta de serviços, sua rede de comércio, os eventos internacionais que sedia, são outros tantos fatores de atração. A migração para cá, seguindo uma tendência mundial, é seletiva, setorializada e também temporária – em busca de tratamento médicos especializados, estudo, estágios, pesquisa, compras e, desta maneira, mantém a característica de cidade cosmopolita situada na rede mundial de metrópoles.

### **Fronteiras do mundo: dados e exemplos (podem entrar como informações na parede)**

#### **Migrantes do mundo**

Globalmente: 191 milhões em 2005, dos quais 91 milhões vivem em países ricos e desenvolvidos;

21 milhões vivem em países ricos e em desenvolvimento;

59% encontram-se em países ricos.

Fonte: ONU. Bela Hovy. División de Población

#### **Refugiados**

Atualmente, 6 milhões de pessoas vivem em campos de refugiados espalhados pelo mundo.

230 mil somalis vivem no acampamento Dadaab, no Quênia, o maior campo de refugiados do mundo. “Essas pessoas comem 400 calorias por dia, o que está muito abaixo do mínimo de que o corpo humano necessita. Alguns campos de refugiados são verdadeiros depósitos humanos”.

Fonte: Caderno Aliás, *O Estado de S. Paulo*, 8/3/2011

Cerca de 300.000 refugiados vivem em Dadaab, no Quênia, o maior campo de refugiados do mundo, de acordo com a ONU. Dadaab completa 20 anos.

Fonte: Josh Kron, 11 de novembro de 2010. *Nytimes.com*

#### **Os Migrantes No Brasil - Idas e Voltas**

##### **Japoneses no Brasil**

Atualmente o Brasil é o país que tem a maior comunidade japonesa no exterior com 1.500.000 pessoas entre japoneses e seus descendentes.

Em São Paulo, são 900 mil pessoas.

### **Brasileiros no Japão**

Atualmente 225.000 brasileiros descendentes ou cônjuges de japoneses residem e trabalham no Japão, representando 14,4% dos imigrantes no país.

Os brasileiros são a terceira maior comunidade estrangeira no Japão, antecidos apenas pelos coreanos e chineses.

### **Brasileiros no Paraguai - Brasiguaios**

Embora seja difícil precisar o número de brasileiros que vivem atualmente em território paraguaio, as estatísticas oficiais paraguaias falam em 112 mil pessoas e os dados oficiosos chegam a 1 milhão.

Calcula-se que os brasiguaios cheguem a cerca de 10 % da população paraguaia.

Fonte: [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br) Atualizado em 10/12/2000 e acessado em 7/3/2011.

### **Angolanos no Brasil**

Segundo informações do Consulado de Angola, há cerca de 15 mil imigrantes angolanos no Brasil (dados de 1996), mas o Consulado ressalta que "a maioria dos angolanos que chegam de forma ilegal não se aproximam do Consulado; portanto há no Brasil um número muito grande de angolanos que jamais farão parte de qualquer estimativa."

Fonte: "Africanos no Brasil: dubiedade e estereótipos", [www.comciencia.com.br](http://www.comciencia.com.br)

### **Brasileiros nos EUA**

O Ministério das Relações Exteriores dos EUA estima que cerca de 1% da população brasileira (aproximadamente 1,6 milhões) esteja nos EUA (dados de 1996), principalmente nas cidades de Nova Iorque (NY), Boston (MA), Miami (FL) e São Juan (CA).

O caso dos valadarenses ficou conhecido no final da década de 80 e início de 90, quando cerca de 7% da população de Governador Valadares, cidade a 324 km de Belo Horizonte (MG), emigrou principalmente para Boston.

Fonte: Conexão Brasil-Estados Unidos, [www.comciencia.com.br](http://www.comciencia.com.br)

### **Alemães no Brasil**

Os alemães constituem a segunda maior comunidade alemã abrigada fora da Alemanha no mundo, com 300 mil imigrantes.

Fonte: IBGE Teen

### **Brasileiros no Exterior**

#### **Aumenta 2,8 vezes o número de brasileiros que voltam do exterior**

Quase triplicou o número de brasileiros que voltaram do exterior para o Brasil, entre os censos de 1991 e 2000.

Em 1991, 66.217 recenseados declararam que viviam em um país estrangeiro 5 anos antes. Entre eles, 31.124 (47%) eram brasileiros natos, 3.485 (5,3%) eram naturalizados brasileiros (5,3%) e 31.609 eram estrangeiros (47,7%).

Em 2000, 143.133 pessoas declararam que moravam no exterior 5 anos antes, o que representa um aumento de 116%. Entre elas, 87.599 (61,2%) eram brasileiras. Ou seja, houve aumento de 281,5%. Eram naturalizados brasileiros 6.636 ou 4,6%, e 48.898 ou 34,2% eram estrangeiros.

#### **Cai o número de estrangeiros que vivem no Brasil**

**Estrangeiros e percentual no total de estrangeiros, por ano censitário, segundo os países de nascimento**

	1970	1980	1991	2000

	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Portugal	410.216	37,89	348.815	38,21	224.849	37,06	175.794	34,46
Japão	142.685	13,18	115.118	12,61	67.024	11,05	52.496	10,29
Itália	128.726	11,89	87.076	9,54	53.543	8,83	43.718	8,57
Espanha	115.893	10,70	81.290	8,91	47.047	7,76	35.809	7,02

**Estrangeiros e percentual no total de estrangeiros, por ano censitário, segundo os países de nascimento**

	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Bolívia	9.945	0,92	10.342	1,13	11.938	1,97	14.642	2,87
Peru	2.141	0,20	3.221	0,35	4.468	0,74	8.232	1,61
Colômbia	805	0,07	1.228	0,13	1.694	0,28	3.269	0,64
Guiana Inglesa	329	0,03	623	0,07	727	0,12	971	0,19

O número de estrangeiros naturalizados brasileiros aumentou de 160.562, em 1991, para 173.452 em 2000, um crescimento de 8% no período analisado.

O saldo migratório de São Paulo caiu aproximadamente 54%, passando de 744.798 indivíduos no período de 1986/1991 para 339.926 no período de 1995/2000. Este comportamento foi consequência de uma redução de 12% no volume de entradas, junto com um aumento de 36% no efetivo de saídas.

O aumento das saídas se deve em parte à migração de retorno (migrantes voltando ao estado de origem). No entanto, 41% delas correspondem à movimentação de paulistas para outras Unidades

da Federação. A maior parte das pessoas que saíram de São Paulo entre 1995 e 2000 foram para Minas Gerais, Paraná e Bahia. Os Estados que obtiveram o maior crescimento relativo, entre 1986/1991 e 1995/2000, no recebimento de pessoas que saíram de São Paulo foram Piauí (aumento de 115,9%), Amapá (95,5%), Ceará (83,7%) e Bahia (80,5%).

**Fonte: IBGE/2000**

## **Módulo 8: O edifício e seus usos**

### **A Hospedaria dos Imigrantes do Brás**

A construção da Hospedaria de Imigrantes teve relação direta com o aumento do fluxo de imigrantes para São Paulo no final do século XIX. Em seu projeto original, ela foi concebida para atender as necessidades de alojamento dos imigrantes durante sua estada, bem como sua triagem e encaminhamento ao trabalho na lavoura cafeeira.

Dormitórios, refeitório, hospital, enfermaria, sala de registro, estação férrea e agência de colocação foram alguns dos vários ambientes que compunham um dos maiores conjuntos arquitetônicos da cidade de São Paulo quando de sua inauguração, em 1888.

Alguns desses ambientes foram reconstituídos, agregando memórias de sucessivas gerações de imigrantes que por aqui passaram. Noutros ambientes, fotografias e objetos do cotidiano do trabalho expressam a presença de inúmeros funcionários que aqui trabalharam. A Hospedaria de Imigrantes foi um lugar de cruzamento de muitas histórias. Adentrar em suas dependências reconstituídas é um primeiro passo para a descoberta de muitas dessas histórias.

### **A construção do edifício e a criação do Memorial do Imigrante**

O edifício da Hospedaria de Imigrantes do Brás começou a ser construído em 1885 para receber o crescente fluxo de imigrantes que chegavam ao Estado de São Paulo com destino às lavouras de café do interior ou para trabalhar nas indústrias da capital. Devido a uma epidemia na Hospedaria do Bom Retiro, suas instalações começaram a funcionar em 1887, antes mesmo da conclusão das obras e da inauguração oficial, que ocorreu um ano depois. A Hospedaria tinha capacidade para acomodar 1200 imigrantes, porém, nos períodos de maior movimento, chegou a abrigar cerca de 6000 pessoas. Durante os 90 anos de seu funcionamento, passaram por suas dependências mais de 1 milhão de migrantes nacionais provenientes de várias regiões do país e, aproximadamente, 1,9 milhão de imigrantes estrangeiros de 75 nacionalidades e etnias.

Em 1993, foi criado o Museu da Imigração, que ocupava parte das instalações da antiga Hospedaria. Sua reestruturação em 1998 deu origem ao Memorial do Imigrante, com o objetivo de preservar, catalogar, pesquisar e divulgar a História da Imigração e a memória dos imigrantes que



vieram para o Estado de São Paulo. Porém, a maior parte do edifício atualmente continua a desempenhar atividades próximas às da fundação da Hospedaria no século XIX. Nessa parte funciona a Associação Internacional conhecida como Arsenal da Esperança, uma entidade sem fins lucrativos, de caráter beneficente, que abriga pessoas do sexo masculino, que não têm moradia, migrantes e refugiados políticos.

Dessa forma, a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo representa na atualidade, dentre todas as instituições similares, a única que congrega tanto as funções de espaço de preservação da história da imigração quanto de acolhida a migrantes nacionais e estrangeiros. Esta particularidade da Hospedaria demonstra a sua vitalidade em se manter presente e atuante no quadro complexo das migrações contemporâneas.

Espaço de memória e espaço da História, a antiga Hospedaria de Imigrantes de São Paulo mantém, no presente, parte do passado da cidade. Elo entre tempos cada vez mais distantes, sua presença na paisagem propicia uma compreensão mais arguta sobre a história de uma cidade marcada pela diversidade de seus habitantes.

### **O Arsenal da Esperança**

O Arsenal da Esperança ou “Casa que Acolhe” foi fundada por Ernesto Olivero e dom Luciano Mendes de Almeida, em 1 de fevereiro de 1996. Todos os dias, oferece acolhida 1.200 homens que se encontram em dificuldades, devido à falta de trabalho, casa, alimentação, saúde e família, muitos deles oriundos de outros estados e países. Quem ingressa nesta casa recebe uma acolhida digna e oportunidade de transformar a sua própria condição de vida. O Arsenal da Esperança hospedou mais de 35.000 pessoas, ofereceu mais de 4,5 milhões de atendimentos, produziu e forneceu 12 milhões de refeições. Além disso, o espaço do Arsenal promove encontros de jovens e famílias que queiram dialogar e que se proponham a promover ações de paz, justiça e solidariedade.